

Associação livre

ANO IX, EDIÇÃO X, FEVEREIRO 2020

JORNAL DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA



ISSN 2595-2749

BRASILIDADES, TANTAS EXPERIÊNCIAS



A. Riccardi

APRESENTAÇÃO

Nosso jornal comemora sua décima publicação. Dez edições de trocas irruptivas e associativas livres, o bastante para trazer, às pontas dos dedos, a criatividade dos pensamentos que vão nos ancorando tempo a tempo, ou, também, pedindo um destino para que enfim possam ampliar e incrementar o solipsismo natural. Alexandre Ricciardi capta os estímulos e nos conduz à representabilidade da experiência provocada. E chegamos a uma edição comemorativa que traz nossa brasilidade, nessas travessias de vida e de morte, valorizando a observação e ambientando o olhar e a escuta dos interiores dos nossos colegas, apresentando novos territórios e práticas, origens e história, futurismos e estranhamentos, leituras, viagens e desenraizamentos. O destaque fica com aquela que nos deu existência, a única figura identificada na capa, desta edição, entre tantos outros tipos humanos. A trajetória de Virginia Bicudo vem ilustrada na tessitura de Carlos Frausino e pode ser ampliada num jogo, num mosaico, onde o tom do que pode ser experimentado possibilita a volta ao início, como numa ciranda, e podemos nos perguntar com a Claudia: há uma especificidade própria, uma brasilidade, em nosso modo de psicanalisar? O convite está feito!

Paola Amendoeira

NESTA EDIÇÃO

EXISTE UMA BRASILIDADE NA PSICANÁLISE QUE PRATICAMOS AQUI?

• *Claudia Carneiro* • 3

TRAVESSIAS DA ALMA - UM CONVITE • *Paola Amendoeira* • 6

MAS TINHA QUE RESPIRAR - Todo dia, todo dia • *Aline Sant'Anna Ferreira Borsato* • 8

OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE-BEBÊ-FAMÍLIA. • *Maria Silvia R. M Valladares* • 10

NOVIS ERGASÍAS, NÉA ZOÍ, NEUES SETTINGS? • Por *Sylvain Levy* • 11

SOMOS FILHOS DE DONA VIRGÍNIA • *Carlos Cesar Marques Frausino* • 14

AU REVOIR, DONA MENINA • *Keyla Carolina Perim Vale* • 20

(DES)CONEXÕES E (DES)ENCONTROS - em tempos de realidade virtual

• *Luciano Lírio* • 21

PSICANÁLISE É ARTE • *Kátia Barbosa Macêdo* • 26

OLHANDO ALGUNS INGREDIENTES NO CALDEIRÃO DA BRUXA METAPSILOGIA

• *Yesmin Sarkis* • 30

ALICE, A MENINA QUE CRESCER VIAJANDO COM LIVROS • *Nize Nascimento* • 34

QUEM SOMOS

Edição

PAOLA AMENDOEIRA

Equipe Editorial

CLAUDIA CARNEIRO

CARLOS CESAR MARQUES FRAUSINO

HELENA DALTRO PONTUAL

VERIDIANA CANEZIN GUIMARÃES

Ilustrações

ALEXANDRE RICCIARDI

Projeto Gráfico | SALOMÉ

Diagramação | LICURGO S. BOTELHO

Impressão e Apoio

GRÁFICA E EDITORA POSITIVA LTDA

Diretoria da SPBSb

ROBERTO CALIL JABUR, *presidente*

LÚCIA EUGÊNIA V. PASSARINHO, *diretora científica*

SÍLVIA HELENA D. C. HEIMBURGER, *diretora do Instituto*

DANIELA YGLESIAS DE CASTRO PRIETO,
diretora de Comunidade e Cultura

ISA MARIA LOPES PANIAGO, *secretária*

MARIA DE LOURDES ZILLI GUIMARÃES, *tesoureira*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília,
filiada à **Federação Brasileira de Psicanálise, Febrapsi,**
e à **International Psychoanalytical Association, IPA.**

WWW.SPBSB.ORG.BR • SPBSB@SPBSB.ORG.BR

JORNAL@SPBSB.ORG.BR

SHIS QI 09, Bloco E 1, sala 105 | Bairro: Lago Sul
Brasília/DF | CEP: 71625-175 | 61 3248.2309

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da SPBSb.

EXISTE UMA BRASILIDADE NA PSICANÁLISE QUE PRATICAMOS AQUI?

Cláudia A. Carneiro

Sim, existe uma psicanálise à moda brasileira, uma brasilidade impregnada em nossa prática psicanalítica. Para endossar esta defesa, seguirei expondo algumas ideias e conjeturas, fruto de um estímulo dos colegas do projeto Pensamento Psicanalítico Latino-americano (PPL), a propósito dos debates que promoveram no Brasil com grupos de psicanalistas para o Laboratório “Psicanálise brasileira/brasilidade na psicanálise”. Minhas associações partem também de algumas leituras de autores dedicados ao tema, para arriscar-me então na ideia de uma especificidade da psicanálise brasileira.

A palavra brasilidade propõe pensarmos no multiculturalismo que marca uma identidade nacional. Por definição, é a qualidade peculiar, individualizadora, de quem é ou do que é brasileiro. Refere-se também ao sentimento de afinidade ou de amor pelo Brasil.

Não é possível pensar em brasilidade na psicanálise sem levar em conta aspectos que marcaram nossa história. Somos uma sociedade de contrastes, com desigualdades sociais imensas que, junto à diversidade geográfico-cultural, produzem um solo de cultura bem heterogêneo. Um caldeirão de subculturas, de costumes diversos de um Brasil geograficamente enorme, de várias linguagens e dialetos. Polifonia que me faz pensar na simultaneidade de Brasis distintos e, quem sabe, de identidades brasileiras. No plural mesmo. Seria uma identidade própria a várias impressões culturais, e não uma identidade nacional definida em poucas palavras.

Em diferentes épocas e áreas do conhecimento, autores se debruçaram a descrever

o que é ser filho desta terra, na tentativa de definir uma identidade nacional. No livro *O que é ser brasileiro?*, a psicanalista Carmen Backes (2000) faz uma análise histórica desses estudos e distingue a interpretação naturalista do que é ser brasileiro – como o sujeito alegre, cordial, o malandro, pouco sério, contra a moral civilizada, em função das nossas características de raça, sexualidade etc. É uma interpretação já batida e facilmente assimilada pelos próprios brasileiros. Mas é também o modo como, na mesma visão rasteira, ainda somos imaginados lá fora, o retrato Macunaíma. Cabe a ideia de que o brasileiro é, sim, muito violento e nem sempre solidário. Outra interpretação é a histórica – para Backes, o único elemento em que se pode garantir a identidade original brasileira.

Essa autora cita a obra final de Darcy Ribeiro, *O povo brasileiro*, no ponto em que ele diz que o brasileiro teria criado sua identidade própria a partir da negação de sua origem puramente índia, puramente negra ou puramente europeia, sem ter conquistado uma consciência nacional, e dessa miscigenação teria se originado “um tipo fundido e metamorfoseado” para garantir uma essência do brasileiro e se opor à “ninguendade” que representaria nossas origens.

À moda Oswald

E como psicanalistas brasileiros, seríamos um tipo fundido e metamorfoseado a partir do que importamos da psicanálise europeia, das escolas britânica e francesa, de

sua cultura combinada com nossas próprias ideias e origens, nosso jeito de ser e de estar com o outro? Não acho que sejamos um tipo fundido, mas, temos nossa originalidade, nossa subjetividade construída com o que digerimos e transformamos. Oswald de Andrade e o modernismo brasileiro nos apresentaram nossa imagem antropofágica.

Como sabemos, Oswald e Mário de Andrade leram Freud e degustaram as ideias freudianas. A ideia de antropofagia tem uma relação inevitável com umas das principais obras de Freud, *Totem e Tabu* (1913).

Do mito das origens em *Totem e Tabu*, o que degustamos e internalizamos do outro, do Pai, torna-se nossa carne, nossa própria criação. Ao lançar a revista *Calibán*, criada para expressar o pensamento psicanalítico latino-americano, Leopold Nosek (2012) mencionou no editorial o exemplo da antropofagia modernista: “a psicanálise, como um conhecimento que não frequenta apenas o consciente, só se torna nossa possessão quando se torna nossa carne” (p. 9). Indagou se não é isso o que pretendemos em nossas formações psicanalíticas.

Nossas origens como movimento psicanalítico brasileiro são marcadas pela presença de médicos psiquiatras, mas sobretudo de intelectuais do eixo São Paulo, Rio e Porto Alegre, principais centros culturais do país à época. A partir daí se destacam a influência de uma visão modernista e uma perspectiva interdisciplinar que ultrapassaria limites tradicionais da psicanálise, como sugere Claudio Eizirik (2017), estendendo nosso pensar psicanalítico para as famílias, as comunidades e as instituições.

Existe, sim, uma brasilidade na psicanálise praticada por nós, em favor de uma criação própria, de uma originalidade que não pode existir sem a articulação entre tradição e invenção, sem incluir o mesmo e o *outro*. Nossa clínica mostra que estamos longe de ser uma mera imitação de cânones da psicanálise que importamos. À moda Oswald, somos uma deglutição e transformação do *outro* que engendra nossa identidade psicanalítica e uma prática original.

O civilizado e os primitivos

A crônica “Nove segundos” de Milton Hatoum (do livro *Um solitário à espreita: crônicas*, 2013) traz a experiência subjetiva do narrador que assiste ao filme Fitzcarraldo. Dirigindo-se ao leitor, o narrador relembra o sonho do protagonista do filme de construir um teatro europeu na selva virgem amazônica – “uma mediação entre a cultura do civilizado e a dos primitivos”. A crônica ilustra bem o tema da brasilidade na psicanálise, enfocando nosso próprio caminho percorrido. Entre os signos destacados pelo filme – da ópera e da selva, estrangeiros geniais e figurantes locais anônimos, o europeu e o nativo brasileiro, contrastes – temos o trânsito entre o primitivo, que é próprio do Inconsciente, e o civilizado. É este espaço de transição o lugar da psicanálise, que remete à nossa história psicanalítica local e à nossa originalidade.

Na sala escura e silenciosa do cinema, como o escuro e o silêncio que envolvem o encontro de inconscientes em uma sala de análise, o narrador da crônica se emociona ao reconhecer seus pais no centro da tela, entre os 600 figurantes do filme. **No estranho ele encontra o familiar, está entre o primitivo e o civilizado, onde as paixões se reavivam, as dores e os amores deixam o silêncio abafado do recalcado e brotam, onde a saudade e a memória dos pais que já se foram tomam a cena psíquica, no momento em que ele relembra a cena do filme. É onde a memória dos vivos está presente favorecendo novas ligações afetivas.**

Essa ilustração serve para pensarmos na apropriação subjetiva propiciada pela experiência psicanalítica. Creio que este conceito ajuda a pensar psicanaliticamente a cultura brasileira, porque remete ao trabalho de simbolização, indissociável da cultura, que torna possível a apropriação subjetiva. A diversidade que caracteriza nossa cultura favorece uma maior liberdade da qual dispomos para pensar a psicanálise e, certamente, para uma prática psicanalítica que tem sua originalidade.

Na construção de nossa identidade psicanalítica, a partir de nossas expressões culturais, construímos um espaço interno de maior flexibilidade, sem a rigidez de modelos autoritários que somente nos distanciariam

do que nos é legítimo e autêntico em nossa função analítica. Refiro-me a uma maleabilidade psíquica que não ameaça o lugar do analista, mas propicia o gesto espontâneo e um contato vivo com seu analisando. São considerações próprias da prática psicanalítica contemporânea que refletem particularmente a psicanálise brasileira.

O olhar sobre o enquadre interno do analista é também válido. Se já nos despojamos da rigidez e de formalismos que mais sugerem uma neutralidade sem emoção do analista, o modo como introjetamos a função analítica sem prescindir de nossa brasilidade, sem deixarmos de ser quem somos, é o que também dá originalidade à nossa prática. O analista deve, sim, saber o que está fazendo. Se o contato com nossos analisandos sugere uma maleabilidade no diálogo que ocorre numa sessão, isso também impõe mais trabalho psíquico a nós. Em seminários feitos em Brasília, Bion chamou a atenção para a singularidade do analista.

O humor, por que não?

Creio ser possível destacar conceitos psicanalíticos para se pensar a brasilidade na clínica. O humor, por que não? Claro, não somos os únicos a usar o humor na clínica, mas temos familiaridade com esse estado afetivo. A figura do analista sério, cinza, impassível, de um silêncio petrificado não combina conosco. E nem estava no modelo original de Freud. Ele escreveu sobre o humor em 1905 (*Os chistes e sua relação com o inconsciente*) e voltou ao assunto em 1927 (*O humor*), apontando-o como um modo de ligar com o recalcado, de falar da verdade quando esta não pode ser dita de outro jeito. A piada, como expressão do inconsciente, é uma interpretação que abre caminho para novos insights.

Bion, em uma supervisão dada em São Paulo (Supervisão A39, *Bion no Brasil*, 2018), incluiu o elemento da diversão no encontro analítico. Comentava material clínico em que o paciente se dizia entediado e se indagava por que decidiu ir à sessão, justamente na hora em que a seleção brasileira estaria jogando. No decorrer da supervisão transcrita, Bion relacionou a ideia do divertimento ao jogo psica-

nalítico: “Não estamos propensos a esquecer que (o jogo que analista e analisando jogam) é um jogo sério, mas estamos propensos a esquecer que o jogo é, também, divertido”. Para Bion, isso tornaria “mais fácil suportar essa atividade muito séria, se ela é também divertida e gratificante ao mesmo tempo”.

Este é um aspecto importante da brasilidade que nos representa e está presente nas produções culturais e artísticas brasileiras, na literatura, na publicidade, nos ditos populares e em nossa prática analítica. O humor mobiliza afetos de uma forma mais plástica. É também uma via para a afetividade presente em nossa brasilidade, que considero uma qualidade original da psicanálise brasileira. No sincretismo de ideias oriundas de nossa tradição psicanalítica, em nossa diversidade cultural que nos possibilita desenvolver uma escuta polifônica e com os signos que nos caracterizam, desenvolvemos uma plasticidade, uma maleabilidade psíquica que distingue a psicanálise pensada e praticada no Brasil. Nossa conversa analítica é afetiva. Esta é uma qualidade e uma contribuição que a psicanálise brasileira tem a oferecer ao pensamento psicanalítico.

REFERÊNCIAS:

- Backes, C. (2000). *O que é ser brasileiro?* São Paulo: Escuta.
- Nosek, L. (2012). Nosso antropófago, Calibán! *Calibán*, 10(1), 7-9.



Cláudia A. Carneiro é psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília, mestre em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília.

TRAVESSIAS

DA ALMA

- UM CONVITE

Paola Amendoeira

Do encontro em Moçambique às pontes dos afetos, em Portugal.

Nas errâncias que fazem parte de todo início, passamos por Cabo Verde - ponto na rota dela - da escravidão.

Nós, nosso Brasil, somos ponto de chegada.

Aqui nos misturamos todos: índios, portugueses e negros, os africanos. A partir daí toda sorte de gente do mundo chegou às nossas terras. Darwin, Einstein, Lévi Strauss, Orson Welles, Bion...

E, depois de muito, alguns puderam sair, e voltar o caminho da sua trans-história.

Gil vai fazer um show na África, até ali não tinha uma grande ligação e mesmo conhecimento e contato com a cultura africana, e ao ver aquelas construções no estilo pombais, como nossos conjuntos habitacionais, ele Re-favela a sua trajetória e sua origem. Era “uma tentativa de assumir o ‘re’ que tinha vindo com o refazenda, que era uma coisa de revisitar, rever, retomar coisas. ... uma coisa de revisão, de retomada, de revisita”.

Krenak, que ecoa a voz de nossa ancestralidade originária, fala da guerra que sempre vivemos, mas nunca vimos. Da história de um país continental criado a partir da dizimação de um sem número de culturas que coabitavam este espaço, naquele tempo. Uma cultura de cooperação apagada do mapa, nunca contada nas escolas. Sem rastros.

E é através do Português que hoje nos unimos e podemos costurar uma narrativa sempre viva, mas que pelo silenciamento



Gil canta

A refavela

Revela o salto

Que o preto pobre tenta dar

Quando se arranca

Do seu barraco

Prum bloco do BNH

...

A refavela

Revela o sonho

De minha alma, meu coração

De minha gente

Minha semente

Preta Maria, Zé, João

de sua história e trajetória exige que a retomemos para avançar.

Dessa mistura toda, nasce uma efervescência cultural única.

Da resistência, pela existência, inventamos e somos criativos.

Enquanto na África cada povoado cultuava um orixá específico, nas senzalas do Brasil as pessoas escravizadas decidem por cultivar a todos os orixás para que todos ali dentro fizessem parte e fossem respeitados na sua origem – inventamos um candomblé próprio e democrático.

Daí resolveram proibir o festejo e a alegria que traziam as memórias deixadas nas tantas voltas da árvore do esquecimento.

Fomos para a rua e fizemos nossa pajelança em movimento. Aqueles que vinham na frente precisavam defender o caminho – daí inventamos o cortejo, o frevo, a capoeira, o nosso carnaval.

Em nossas terras as misturas encontraram seu Norte, seu ponto, e criaram raízes.

No trançado nas cabeças negras as rotas de fuga para o Quilombo.

A vida é teimosa, mas a nossa terra dá vontade de brigar pela vida, nela.

E também fomos capazes de não trabalhar a escravidão, de todo tipo, estatura e nível, o instinto para subjugar hipertrofiado e arraigado no ideário obscuro da nossa cultura.

Macunaíma e o Homem Cordial, Ariano, Tarsila, Paulo Freire, Antônio Conselheiro, Machado de Assis, Sertões, Gonzaga pai, filho e neto, Ilê, pinga, roda, gira, Vidas

Secas, Triste Partida. Vida e Morte, Severina, Andrade, Dorival Caymmi, Lia de Itamaracá, Portinari, Jobim e Elis. Manoel de Barros. Paulinho da Viola, Nelson Sargento, Dona Edith do Prato, Dona Ivone Lara, Cartola. Noel e Chiquinha. Afoxés, Maracatus e Sambas enredo. Marielle Franco, ausente! E aí vem o Chico e o Bosco com a história da Sinhá através dos olhos do fruto do sonho e das mandingas do escravo, que deixa um herdeiro sarará. Pelos olhos verdes do branco, que entre nós, é capaz de se colocar em tantas peles e aviva nossa humanidade. O Samba da utopia. Será?

E agora temos mais essa oportunidade de costurar nossa história e erguer as pontes afetivas desta longa trajetória.

Tudo isso para falar que gostaria de ver emergir de volta nossa Brasilidade, nossa criatividade e nossa teimosia contra essa apatia que nos embota. Que saudade!

E acredito que esta é uma grande oportunidade, de buscarmos re-levar, re-velar todo esse percurso e traçarmos uma trajetória que ressalte nossa experiência e contribuição para a cultura universal.

Meu povo, vamos enfunar as velas, singrar os mares e buscar novos portos nessa nossa Brasilidade!



Paola Amendoeira é psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

MAS TINHA QUE RESPIRAR TODO DIA, TODO DIA

Aline Sant'Anna Ferreira Borsato

Uma Vinheta

Nair chega para uma entrevista visivelmente grávida e me conta sobre o longo caminho que percorreu até estar ali.

Vivenciou duas perdas gestacionais, recebeu um diagnóstico de endometriose e submeteu-se a todos os tratamentos recomendados para enfim engravidar.

Num dado momento da conversa, enquanto seu olhar e suas mãos se dirigem lentamente para a barriga, ela diz: *E agora estou aqui, grávida.* Havia um certo espanto naquele olhar, como se não se reconhecesse no próprio corpo.

Em minha mente um sinal de alerta se acende e sou tomada por uma preocupação com o futuro daquela dupla. Seu olhar em direção à própria barriga não saiu da minha cabeça.

Em encontros posteriores Nair trouxe um pouco de sua história. Falou sobre a sensação de ter sido um peso, um fardo na vida de sua mãe. E expressou o desejo de construir uma relação diferente com sua filha.

Alguns dias após o parto sua mama foi acometida por um vírus que causava dor e produzia pequenas bolhas em sua pele. O vírus foi transmitido para a filha produzindo um quadro clínico grave. A amamentação precisou ser suspensa e a bebê, Maria Clara, foi internada em UTI neonatal por cerca de 15 dias.

O corpo de Nair dando vazão para algo que não pôde ganhar expressão de outra forma.

Uma separação radical, abrupta, possivelmente traumática.

Do útero para o mundo.

Um mundo onde havia peito e colo.

De repente na UTI.

Numa época em que seu psiquismo sequer conseguia distinguir o fora do dentro, o eu do não eu. Privada de um contato mais acalentador, Maria Clara precisava se haver com este início de vida tão árido e tortuoso.

Associações livres

Para Winnicott (1956) a falha materna provoca fases de reação à intrusão e as reações interrompem o “continuar a ser” do bebê. O excesso de reações não provoca frustração, mas uma *ameaça de aniquilação*.

Ao entrar em contato com a história de Nair e Maria Clara, diante desta experiência tão perturbadora de uma separação repentina sucedendo em poucos dias a separação do nascimento, me ocorre um emaranhado de sentimentos difíceis de nomear que parecem se traduzir neste trecho de canção:

Debaixo d'água se formando como um feto

Sereno, confortável, amado, completo

Sem chã, sem teto, sem contato com o ar

Mas tinha que respirar

Todo dia

Todo dia, todo dia

Todo dia

Todo dia, todo dia

Debaixo d'água por encanto sem sorriso e sem pranto

Sem lamento e sem saber o quanto

Esse momento poderia durar

Mas tinha que respirar

(Arnaldo Antunes)

Percebo a perinatalidade como um terreno fértil para a eclosão de aspectos primitivos no psiquismo da mãe. Desde o estado natural e desejado de preocupação materna primária – como descrito por Winnicott – até situações de adoecimento como o de Nair, irremediavelmente, o primitivo se manifesta.

Estar com um bebê na barriga ou nos braços é estar em contato com os primórdios da vida psíquica, é sentir acordar o bebê que reside no fundo da nossa alma e vivenciar sentimentos e sensações intensos, extremos.

O desamparo inicial, a absoluta dependência de um outro marcam o início da vida de todos nós. Penso que este contato com o primitivo nos remete à fragilidade da vida, à dor de ser um só.

Como descrito por Esther Bick (1967) em *A experiência da pele em relações de objeto arcaicas*: A tese é de que em sua forma mais primitiva, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si e que, portanto, devem se manter unidas de um modo que vivenciam passivamente – com a pele funcionando como limite. Mas esta função interna de conter as partes do *self* depende, inicialmente, da introjeção de um objeto externo, sentido como capaz de cumprir esta função.

Recomenda-se pele a pele para esta dupla que se encontra à flor da pele. Que o bebê possa se sentir “um só com sua mãe”, que possa se fundir e se confundir com ela neste momento de aterrissagem no mundo até que um dia alcance o “ser um só” sem ela.

Mas nem sempre a dança desta dupla sintonizará com a música da vida. Para nós humanos, um contato frustrante com o outro será sempre melhor do que contato nenhum e constituir-se no desencontro pode ser o único caminho para a sobrevivência.

Na história da humanidade a relação mãe-bebê sempre foi complexa, intensa e ambivalente. Em algumas sociedades primitivas as mulheres possuíam certa autonomia para decidir sobre a sobrevivência de seus bebês. Isto significa que as gravidezes estavam sujeitas a abortos e infanticídios.

Acho intrigante pensar sobre esta mulher primitiva. Um ser capaz de gerar a vida, manter a vida e tirar a vida. A mulher civilizada não pode matar o bebê caso não sinta vontade de recebê-lo em sua vida. Se o fizer, estará cometendo um crime e terá que se haver com este fato e com sua culpa.

Na maioria das vezes a mulher não consegue sequer falar da “não vontade” de ser mãe e, para algumas, os sintomas são o único caminho possível para expressar tamanha ambivalência.

Gerar, parir e cuidar de um bebê é sair da assepsia da vida cotidiana e entrar em contato com conteúdos e fluidos corporais em intensidade e frequência jamais experimentadas em outros momentos da vida: líquido amniótico, sangue, suor, lágrimas, leite, xixi, cocô, golfadas.

Conteúdos e fluidos em excesso, a sujeira e a desordem materializando o caos do mundo interno que clama por continência.

Um vírus que faz surgir bolhas na pele, que causa dor nas mamas e produz um quadro clínico grave no bebê atravessou o caminho de Nair e Maria Clara. Mero acaso? Penso que não.



Aline Sant'Anna Ferreira Borsato é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

OBSERVAÇÃO DA RELAÇÃO MÃE- BEBÊ-FAMÍLIA

Maria Silvia R. M Valladares

Para mim foi e tem sido uma experiência muito criativa e gratificante entrar em contato com mães e seus bebês, coisa que venho fazendo há mais de 30 anos.

O método por nós empregado foi instituído por Esther Bick em 1947, em Londres, e é um método psicanalítico. Ele se desenvolve em 3 partes: 1) consta da observação de um bebê, em seu ambiente familiar, pelo período de 1 a 2 anos; 2) O aluno, registra o material, após a sessão de observação e traz para os seminários clínicos de observação e 3) Nos seminários o grupo, sob a coordenação de um profissional experiente na área, comenta o material e procura dar significado aos comportamentos observados pelo observador. É uma experiência nova e rica para o observador, que tem que lidar com suas identificações introjetivas e projetivas, com as transferências e contratransferências. Para isto, ele deve contar com o apoio do grupo e, principalmente, com sua análise pessoal, pois o bebê do observador está quase sempre envolvido.

Quais as vantagens para o observador, principalmente para um analista em formação? Em primeiro lugar, ele tem uma oportunidade única de acompanhar o desenvolvimento físico e emocional de uma criança, do 0 a 1 ou 2 anos; tem o prazer de manter contato com um bebê e seus pais durante esse período; e o que talvez seja o mais importante, aprende a observar os comportamentos não verbais do bebê, das relações deste com sua família, seu desenvolvimento físico e emocional, o que futuramente será muito útil no seu trabalho de consultório, em sua análise pessoal também. E o contato com os estados primitivos da mente, na sua origem e essência.

Embora o observador não prometa nada à família, porque na verdade é ele que deve esta grande experiência de aprendizado àqueles que o acolheram, nossa experiência nos aponta que quase sempre o bebê e seus pais são bene-

ficiados, na medida em que encontram alguém com disponibilidade para ouvi-los e acolhê-los, sem interferir na relação, sem interpretar ou dar conselhos. Tem um profissional que os olha, com um olhar acolhedor e um coração aberto, e ao mesmo tempo neutro.

Outro aspecto relevante diz respeito ao desenvolvimento profissional do observador: se quiser e se dispor a se preparar teórica e clinicamente, estará apto a fazer, após a conclusão do período de observação, intervenções precoces, em bebês e em crianças de 0 a 3 anos. Em um segundo passo, muito importante para prevenir situações de riscos e futuras patologias nas crianças. É muito relevante também para os pais, principalmente a mãe que muitas vezes está deprimida, por problemas existenciais seus e também pelo excesso de trabalho que um bebê demanda, noites mal dormidas, mamadas dia e noite sem parar. Como costumam brincar alguns, “tudo é culpa da mãe” ou aquela mãe é uma “geladeira” por isso o bebê ficou autista.

Vejamos, então, como é fundamental o papel da prevenção, no sentido de detectar situações de riscos e patologias em andamento. Além de ser um papel muito bonito, a observação da relação mãe-bebê e as intervenções precoces nos ensinam, a todos nós psicanalistas, a enfrentar os nossos aspectos psíquicos e emocionais mais primitivos, bem como os dos nossos pacientes. Para mim, o futuro da Psicanálise envolve prevenção e cuidados com os bebês e suas famílias. Precisamos conhecer e chegar o mais próximo possível do nosso bebê e de nossa criança. Com dizia Virginia Bicudo, ao ser perguntada sobre a diferença entre Psicanálise de Adultos e de Crianças: “E existe outra?” ao se referir à Psicanálise de Crianças, na qual a Observação é o instrumento primeiro e relevante daquela formação.



Maria Silvia R. M Valladares é membro titular e analista de crianças e adolescentes da Sociedade de Psicanálise de Brasília e da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

NOVIS ERGASÍAS, NÉA ZOI, NEUES SETTINGS?

Sylvain Levy

Novo trabalho, nova vida, novo setting, ou seria mais correto falar em *nea schéseis ergasías*, novas relações de trabalho, nova vida, novo setting?

De qualquer modo nossas mentes estão permanentemente criando novidades novas. A palavra *novis*, que abre este artigo, por exemplo, não existe em grego, italiano (nova = nuova) ou latim (novam). É criação portuguesa, recente. Novislinguaes para tempos novos. São tempos de kainotomia, inovação.

Neste texto vou escrever um pouco da minha experiencia como psicanalista em Brasília, desde 1978. Não pretendo falar de situações vividas por outros analistas e/ou em outras cidades. Não tenho a habilidade de Miss Marple, a extraordinária personagem criada por Agatha Christie, para aplicar que o que acontece em St. Mary Mead pode ser expandido para qualquer situação por ela vivenciada em qualquer parte do mundo e em qualquer história.

Quando comecei minhas funções como psicanalista não havia internet ou celular. Computador só os de grande porte, que exigiam cursos específicos de análise e programação para serem operados e assim mesmo por iniciados. Qualquer semelhança com a psicanálise é mera coincidência. Desse modo, naquela época, não éramos incomodados por nenhum sinal estranho durante uma sessão, quando alguém esquece de desligar o celular ou quando se avisa que podemos ser interrompidos em algum instante por chamada urgente. É um setting invadido ou atualizado?

Também as trocas de mensagens eram restritas a possibilidades oferecidas por



um telefonema. No máximo uma secretária eletrônica recolhia mensagens. Hoje as possibilidades de comunicação são mais oportunas. Diretas por voz ou por mensagens – SMS, WhatsApp, Telegram –, paciente e analista se procuram e se encontram. Trocam informações e agendam seus horários. O setting, pelo menos o de contato, se expandiu.

Provavelmente nos anos 1900, Freud marcava suas sessões iniciais pelo método presencial ou por carta ou telegrama. Não tem nenhum sentido que com as atuais facilidades de comunicação não se altere esse quadro.

Podemos pensar que a falta de contato entre analisando e analista se dá muito mais por uma medida de conforto do analista – não querer ser incomodado, do que por outra razão. Psicanálise não é pronto-socorro, mas a relação analista-analisando e o conhecimento de um sobre o outro pode facilitar uma orientação em caso de emergência, principalmente em casos limítrofes ou de psicose. Se não quer correr esse risco o psicanalista deve filtrar melhor seus pacientes.

Ainda em relação às telecomunicações, há alguns anos somente por ligação telefônica era possível sessão à distância. O que aumentava essa dificuldade era o custo de um telefonema de 50 minutos, mesmo interurbano. As possibilidades de atendimento estão se ampliando consideravelmente. As sessões à distância pela internet permitem os contatos por diversos aplicativos, como Skype, WhatsApp ou Facetime, com ou sem imagem, a custo acessível. Cada um pode estabelecer os requisitos para levar avante essa modalidade de sessão. As pessoas mudam de emprego, mudam de local de trabalho, mudam de cidades e de países de trabalho. Em Brasília muitos pacientes são provenientes da carreira diplomática, por exemplo, e querem continuar a análise em seu próprio idioma, com analista com o qual já começara um trabalho. É um setting virtual que se cria e na minha experiência, sem ainda entender bem o porquê, a preferência é por sessões sem imagem, só com voz e via WhatsApp.

Um requisito que me impus para aceitar essa modalidade de atendimento é um conhecimento prévio de pelo menos dois anos entre paciente e analista. Para que sessões nessa modalidade ocorram é necessário uma grande disciplina por parte do analista. A atenção flutuante não pode ser substituída por atenção multifocal ou desatenção. O analista não pode ler, divagar mentalmente, verificar movimento bancário ou pensar no que vai fazer ao sair do consultório. É possível perceber uma diferença significativa na capacidade de atenção do analista: entre estar *in loco* – com a presença física dos dois partici-

pantes da relação, e um mantendo (lembra?) permanentemente a existência/presença do outro – e a relação não presencial, quando a divagação pode substituir a atenção flutuante. Muito mais que profissão, deve-se encarar a psicanálise como disciplina de ação.

Outras questões dizem respeito aos horários presenciais.

Elas tratam das novas condições de vida, de deslocamentos nas cidades, de condições e relações de trabalho, de viagens a trabalho e por lazer, de oportunidades para trabalhos e viagens. Três ou quatro deslocamentos para comparecer às sessões na Viena antiga e na Europa da primeira metade do século XX equivalem, hoje, a ir à padaria do bairro comprar pão. Para participar de uma sessão de 50 minutos devem ser incluídos, ao menos, mais 1 hora e meia entre deslocamento urbano e procura de estacionamento. Se possível ir de taxi, Uber, 99 ou similar, exclui-se o estacionamento e acrescenta-se o custo da corrida. Dispor de seis a oito horas por semana para essa prática está cada vez mais difícil. Os apelos e atropelos da vida atual fazem com que a exigência de frequência semanal de três ou quatro vezes se transforme em mais um problema que um auxílio da/para a psicanálise.

Brasília é uma cidade *sui generis* em vários aspectos. Sua força de trabalho é constituída, na sua maior parte, pelos funcionários públicos. Federais e distritais. Os primeiros têm viagens a trabalho constantes; os dois grupos, reuniões onde são convocados e não podem evitar sua presença. Sua remuneração e sobrevivência, portanto, dependem do acatamento dessas ordens – viagens e reuniões, e mesmo procurando horários para a psicanálise compatíveis com os períodos de trabalho, as vezes ambos os horários se sobrepõem. Podemos ignorar isso e causar prejuízos financeiros e de andamento do processo psicanalítico ao paciente ou podemos tentar minorar isso oferecendo horários alternativos – de reposição, de antecipação ou postergação das sessões. Minha prática sempre foi pela segunda opção. Por

considerar justa, por me sentir melhor agindo assim. Talvez por ter sido funcionário público durante muitos anos, tenha adquirido uma compreensão sobre esse tipo de situação (e até por identificação).

Outras situações são congressos profissionais ou cursos rápidos de habilitação ou especialização. Para mim são situações de trabalho que merecem o mesmo tratamento. Afinal a sobrevivência do paciente e suas possibilidades de pagamento da análise dependem também de sua competência profissional, num mundo cada vez mais competitivo e especializado.

Ainda comparando com a Europa até aos anos 1950, as viagens por lazer aconteciam (ainda acontecem em sua maior parte) uma vez por ano, durante as férias. Hoje são comuns viagens a lazer várias vezes por ano e em períodos menores. São oportunidades que se oferecem em função do contrato de trabalho. Nesses casos a minha proposta é que nem o paciente pague minhas férias, nem eu pague as dele, antecipando ou postergando as sessões desses períodos. Tenho estabelecido um prazo para todas as reposições em torno de um a dois meses.

O único problema real que tenho enfrentado é a administração da agenda. Mesmo quando as reposições não são possíveis existe a compreensão por parte dos analisandos que fizemos tentativas.

Em situações de extrema dificuldade para contatos via áudio e/ou vídeo pela internet – sim, ainda existem localidades no mundo perdidas para alguns meios de troca de mensagens – tenho usado o e-mail. É mais restrito, demanda mais tempo e cuidado na troca de mensagens, pois as entonações das falas são perdidas. É mais trabalhosa, mais complicada e penso que muito mais terapia de apoio do que psicanálise, mas é feita por um analista e existe a relação entre analisando e analista. E, como dizia Virgínia Bicudo, “nós trabalhamos com o que temos”.

No momento a precariedade das relações de trabalho está colocando outra questão. Alguns empregos estão ocorrendo por prazo

e períodos definidos a cada mês. Uma organização médica terceirizada para administrar hospitais e postos de saúde contrata médicos e outros profissionais para plantões de 12 ou 24 horas, em locais e dias variáveis a cada mês. Ou seja, o horário acordado para análise em um determinado mês pode não ser o compatível para o próximo. Com uma agenda completamente variável o setting pode ser o que sempre foi e é necessário lidar com a fantasia de onipotência de ambos?

Todas essas observações podem trazer à tona questões como: faz-se necessária alguma atualização da técnica ou ela deve ser tratada simplesmente como abordagem operacional a ser revista?

Uma epidemia é novidade sanitária. A epidemia por vírus de comportamento desconhecido é uma novidade nova. É muito desconhecimento de uma só vez. Primeiro assusta, em seguida é que procuramos compreender. Parece que nessa quadra do nosso ofício estamos nesses momentos.



Sylvain Levy é médico e psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

SOMOS FILHOS DE DONA VIRGÍNIA

Carlos Cesar Marques Frausino

*Onde era Id, será Ego.
Onde era sertão, será Brasília.
Durval Marcondes*

Não conheci Virgínia Leone Bicudo pessoalmente, mas grande parte dos membros da Sociedade de Psicanálise de Brasília a conheceram e têm histórias com ela. Esse pequeno ensaio é um dos capítulos da minha história com Dona Virgínia, como é carinhosamente chamada em Brasília.

Além de exercer o *ofício* de psicanalista, Virgínia Bicudo foi educadora sanitária, visitadora psiquiatra, socióloga, professora universitária, divulgadora científica e protagonista de iniciativas na institucionalização, da divulgação e da interiorização da psicanálise no Brasil. Assim como Bicudo, o exercício de outros ofícios, as intensas atividades de divulgação da psicanálise e o enlaçamento com a cultura são traços comuns às biografias dos pioneiros na divulgação e institucionalização da psicanálise no Brasil e na América Latina.

Filha de Giovanna Leone, imigrante italiana, e Theófilo Júlio Bicudo, filho de escrava e criado por Bento Augusto de Almeida Bicudo, fazendeiro e produtor de café, liderança política estadual e um dos fundadores de *O Estado de São Paulo*, Virgínia nasceu em São Paulo, em 1910, na cidade de São Paulo.

Por meio do seu nome é possível apreender o contexto cultural e socioeconômico em que nasceu e viveu. Virgínia, Leone e Bicudo eram nomes, que circulavam pelo mesmo espaço social, o da fazenda, exercendo papéis distintos (o escravo, o imigrante, o do dono das terras), mas que no espaço urbano, uma nova estrutura e organização sociocul-

tural, perde-se essa nitidez e conformam os elementos de um novo ambiente cultural.

Nas primeiras décadas do século XX, o Brasil e a cidade de São Paulo estavam em ebulição. Os brasileiros trocavam tiros e ideias, a aceleração e intensificação da urbanização do Brasil, há mudanças significativas na inserção da mulher na sociedade, a velha oligarquia agrário-exportadora perde a hegemonia política, ocorre a ascensão socioeconômica e política das classes medias etc.

A cidade de São Paulo, não possuía identidade – não era rural, nem urbana, nem industrial, nem europeia, nem americana, nem de negros, nem de brancos etc – mas em função da centralidade na dinâmica do complexo cafeeiro vivia um verdadeiro ‘frenesi’.

O cotidiano da cidade era movido pela dialética entre o novo e o arcaico, as pessoas se interessavam por tudo que era pautado pela ideia de modernidade e de vida cosmopolita. Uma sociedade que demandava o novo, buscava explicações para o presente e o passado não é mais uma referência para o futuro.

Esse contexto era extremamente fértil para o conhecimento e a difusão das ideias freudianas como elemento de compreensão dos movimentos sobrepostos em curso. Nas primeiras décadas do século XX, as ideias de Freud começaram a circular na imprensa, na faculdade de medicina, no meio intelectual e artístico etc. É nesse período que ocorre o cruzamento do ideário freudiano e o movimento modernista na cidade de São Paulo. O grande fato desse movimento foi a *Semana de*



Arte Moderna, realizada em 1922, que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo.

Assim, a história de São Paulo, da psicanálise e do modernismo, no primeiro quartil do séc. XX, está intimamente associada à história de Virgínia Leone Bicudo. A cidade, que embalada pelos ventos de prosperidade, acolhia pessoas das mais diferentes origens em busca de oportunidades de prosperidade e de novas ideias que pudessem aportar conhecimentos para compreender uma sociedade em contínua transformação.

Em 1945, defendeu a dissertação de mestrado *Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, que contrarresta mitos e visões que postulavam a existência de uma harmonia racial e de uma democracia racial no Brasil.

No estudo sobre as questões raciais, Virgínia tece uma ampla pesquisa acerca das relações sociais em São Paulo, por meio da interseção entre a sociologia, a antropologia, a psicanálise e a psicologia social, que destaca a mobilidade social, o preconceito de cor e a discriminação racial como traços de relevo na dinâmica da cidade. Evidências e experiências que estavam presentes na história de Virgínia e que promoveram marcas profundas na sua trajetória de vida.

Virgínia iniciou a formação psicanalítica e sua análise, em 1937, com a psicanalista alemã Adelheid Lucy Koch, recém-egressa da Alemanha, formada no Instituto de Berlin. Talvez tenha sido a primeira pessoa, a primeira mulher, a primeira mulher negra a deitar-se em um divã na América Latina.



Assim, Bicudo, com Durval Marcondes e outros, integra o grupo que edificou a Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), reconhecida pela IPA, em 1951. Era a única mulher negra em um grupo predominante masculino, não tinha formação médica e possuía uma condição econômica bem menos abastada que os demais colegas do grupo. Também foi a única mulher na turma de oito formandos quando finalizou o curso de sociologia na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo.

Virgínia foi a primeira candidata *não médica* desse grupo. Vale registrar tal fato, pois deixará uma marca distintiva na formação de futuras gerações de psicanalistas, que perdura até hoje na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e na Sociedade de Psicanálise de Brasília: a formação de leigos. Tema que ressurge com vigor no Brasil e desperta a curiosidade de colegas de outros países da América Latina.

Em São Paulo, a institucionalização da psicanálise é um dos objetivos dos seus pioneiros, ainda nas primeiras décadas do século passado, por iniciativa de Durval Marcondes junto com Franco da Rocha e outros médicos e intelectuais, como Menotti de Picchia (advogado, escritor e pintor), fundou em 1927 a *Sociedade Brasileira de Psicanálise*, em São Paulo, que durou poucos anos e, em 1928, a *Revista Brasileira de Psychanalyse* que teve apenas um número.

Bicudo também se dedicou a ampliação da presença da psicanálise no ambiente cultural e socioeconômico. Na década de 1950 teve um programa de rádio em São Paulo, escreveu uma série de artigos semanais em jornal de grande circulação e editou o livro *Nosso mundo mental*, em 1956, que é uma coletânea de parte dos artigos publicados no periódico. Utilizando-se desses meios de comunicação de massa, divulgou a psicanálise por meio da abordagem de temas como a educação infantil, questões emocionais do cotidiano entre outros.

Entre 1955 e 1960, já analista didata, viveu em Londres, onde fez análise, participou de

atividades na *Tavistock Clinic* e no *London Institute of Psychoanalysis* e teve estreito contato com Bion, a própria Melanie Klein entre outros.

Em São Paulo, Virgínia Bicudo esteve imersa, indiretamente, na eclosão e nos ecos do movimento modernista. Em Londres, viveu as repercussões das *Controvérsias* na Sociedade Britânica de Psicanálise e conheceu as ideias e as obras do *Grupo de Bloomsbury*. Em Londres e em São Paulo, esteve imersa em um ambiente multicultural constituídos por críticos ao funcionamento das respectivas sociedades e que influenciaram profundamente as artes plásticas, a literatura, psicanálise, a economia, a política etc.

Ao voltar de Londres, Virgínia Bicudo participou ativamente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e marcou o início de um novo ciclo na sua vida, se engajou em projetos de grande repercussão no cenário psicanalítico e assumiu, paulatinamente, posições de liderança na Sociedade e no movimento psicanalítico nacional.

Divulgou as ideias kleinianas e bionianas. Estruturou e foi diretora do Instituto da SBPSP por 14 anos; incentivou o relançamento da *Revista Brasileira de Psicanálise*, em 1967, e promoveu o lançamento do *Jornal de Psicanálise*, em 1966, com o objetivo de divulgar os trabalhos dos candidatos e analistas do Instituto da SBPSP e incluiu no Instituto a formação de analistas de crianças e adolescentes. Edificou os pilares da futura Sociedade de Psicanálise de Brasília e lançou a *Revista Alter – Revista de Estudos Psicanalíticos*.

Ademais, ao longo do período que esteve à frente do Instituto difundiu o modelo de formação britânico, com ênfase nas ideias kleinianas, pois, até então, o modelo predominante era inspirado no Instituto de Berlin, centrado no estudo das obras de Freud. O que inspira e inspirou vários programas de formação de Institutos.

Defendia e postulava, também, que a formação dos psicanalistas deveria ser multidisciplinar e imersa na tradição huma-

nista, em sintonia com as ideias freudianas em *A questão da análise leiga* (1926). Em 1966, como diretora do Instituto propôs a inclusão de 10 disciplinas de cultura geral na formação: antropologia, religião, filosofia, arte, mitologia, psicoterapia de grupo, psicanálise de crianças, genética aplicada ao homem, neurofisiologia, metodologia científica. A ideia não prosperou, um dos argumentos que contrariava a alteração foi a possível sobrecarga de trabalho aos candidatos...! Em entrevista publicada no *Alter*, em setembro e dezembro, de 1976 (os grifos são meus), Virgínia afirmou:

O fator isolamento [do psicanalista] [...] é anacrônico e restritivo no sentido de não contar com as vantagens de um trabalho em concerto interdisciplinar. Freud pensou psicanaliticamente sobre assuntos referentes à biologia, arte, religião, antropologia, sociologia. Desta abertura mental, os psicanalistas foram retirando-se cada vez mais, com uma atitude restritiva com repercussões até na seleção de candidatos, limitando-a quase que exclusivamente aos médicos. *Quanto aos prejuízos desse isolamento de casta, nos defrontamos com um acervo de conhecimentos desprovidos de uma sistemática metodológica e com a perda de colaboração de elementos capazes de valiosas contribuições.*

A fundação da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) foi outro dos seus legados institucionais. Constituiu-se em um vetor da interiorização e difusão da psicanálise no Brasil e permitiu que vários brasileiros se beneficiassem do método psicanalítico. Um país de dimensões continentais, em que a psicanálise ficou historicamente concentrada em três centros: Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, mas que felizmente e atualmente está presente em outras localidades do interior e do país.

As ideias da fundação da SPBsb originam-se no período londrino de Bicudo, no

qual acompanhou a construção de Brasília. Apesar da distância, o estreito vínculo com o país permaneceu e a construção da cidade a instigava. Como ela afirma em entrevista, em 1989, à equipe do *Jornal de Psicanálise*, da Sociedade de São Paulo, no número 44:

Eu estava em Londres quando construíram Brasília. Durante esses anos a BBC mensalmente publicava o crescimento de Brasília. Acompanhei o desenvolvimento com muito entusiasmo. Voltei [ao Brasil] e na primeira semana fui ver Brasília. Vi aquele horizonte aberto, naquela esplanada e pensei “... eu quero vir para Brasília algum dia.” [...] Mas quis primeiro trazer para São Paulo o que aprendi em Londres. [...] O que acontecia em Brasília era uma migração de gente: os candangos, o pessoal do governo, gente do estrangeiro... Eu pensava “...está havendo um verdadeiro *melting pot* cultural e a psicanálise será muito importante nesta cidade. [...] Pensei em levar a psicanálise à capital do país e acho que foi acertado.

As ideias de Virgínia e a preocupação em levar a psicanálise para Brasília talvez acalentassem o sonho que o exercício da psicanálise na Capital também pudesse “tratar” e humanizar o governo, o poder. Talvez, ainda, um sonho! No entanto, é um fato que várias pessoas que ocupam/ocuparam altos postos no Estado e no governo se beneficiaram da psicanálise.

Em 1970, Bicudo está no Distrito Federal e inicia a concretização do sonho de levar a psicanálise para “aquele horizonte aberto” por meio do início da formação da primeira turma de candidatos de Brasília que dará origem à futura Sociedade formada por Caiuby Marques Trench, Humberto H. de Souza Mello, Luiz Meyer, Ronaldo Mendes de Oliveira Castro, Stela Maris Garcia Loureiro e Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva. Ronaldo Castro e Tito Nícias participam ativamente da dinâmica societária e

do instituto de psicanálise que leva o nome de Virgínia Leone Bicudo.

As preocupações com a divulgação da psicanálise continuaram em Brasília, criou a *Alter*, o primeiro número foi publicado em outubro de 1970 e perdura até os dias de hoje, como veículo da divulgação da produção dos membros e candidatos da SPBsb e da comunidade psicanalítica. É um patrimônio da comunidade psicanalítica brasileira. Tive o prazer e a honra de ser editor da revista.

Ao longo de mais de uma década, Virgínia Bicudo se dividiu entre São Paulo e Brasília e, na companhia de outros psicanalistas paulistas, junto com colegas de Brasília construiu a Sede-Brasília do Instituto de Psicanálise da SBPSP, embrião da futura Sociedade. A condição de Sociedade Componente da IPA ocorreu, somente, em 2004, no Congresso de Nova Orleans.

Virgínia trabalhou intensamente em Brasília até 1984 e faleceu em 2003.

Na trajetória de constituição desse novo núcleo de psicanálise distante da sede da SBPSP, Bicudo inovou institucionalmente no funcionamento das instituições de formação, como me contou Ronaldo Mendes de Oliveira Castro. O deslocamento do analista didata da cidade sede do seu Instituto, em outra cidade (São Paulo) para a localidade de residências dos seus analisandos (Brasília) para a realização de análise de formação e a instituição da *análise didática condensada* foram novos dispositivos da formação criados por Virgínia.

O trabalho e os sonhos de Virgínia germinaram, deram frutos e ganharam maturidade e notoriedade. Hoje a Sociedade de Brasília é composta por 56 membros e 48 candidatos, com estreitos laços – teóricos, clínicos e culturais – com o cotidiano do Distrito Federal e com a comunidade psicanalítica brasileira, latino-americana e internacional.

Virgínia também foi uma fértil autora psicanalítica. É autora de uma vasta produção bibliográfica, com assiduidade e volume de produção incomparável a maioria dos psicanalistas de sua época e contemporâneos, mas infelizmente ainda não há uma sistemati-

zação dos seus artigos e trabalhos publicados e apresentados em congressos e seminários. Uma tarefa por realizar!

A história de Virgínia Bicudo é a biografia de uma mulher incomum, dotada de uma profunda sensibilidade para compreender a condição humana e suas dores, com uma intensa e singular capacidade de transformar experiências de vida em ações transformadoras e na produção de conhecimento. Na sociologia e na psicanálise, estudou as relações do homem com a cultura, as relações interpessoais, intrapsíquicas e intersíquicas, e viveu e estudou, como poucos, parcela das mazelas da sociedade brasileiras: os não tão silenciosos preconceitos de classe, gênero e de raça.

Ela *inscreveu* seu nome na história da cultura brasileira e na história da psicanálise! Somos filhos de Virgínia Leone Bicudo!

* Uma versão ampliada desse texto foi publicada na Revista *Calibán*, Volume 16, nº2, 2019.



Carlos Cesar Marques Frausino é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília, mestre pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, professor do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica do Centro Universitário de Brasília - UniCeub, ex-editor da Revista *Alter* da SPBsb.

AU REVOIR, DONA MENINA

Keyla Carolina Perim Vale

Quanto tempo mais ainda temos? Depois que destampo a toalha amarela desta minha máquina de escrever, terei tempo suficiente para sonhar estas palavras? E se alguém chegar? E se acabar a água do copo e eu não entender nada? E se o tempo acabar sem esperança alguma? E se o cansaço vencer? Não sei...

Nesse meu-tempo, hei de sonhar alguma esperança. E para um sonho-esperança, lembro-me de uma paciente. E segue...

Dona Menina: uma senhora miúda, de passo estreito, cabelo pequeno branco-nuvem, chinela havaiana-que-voa, vestido leve-que-contorna, sorriso sincero-sem-dentes, conversa suave-que-me-marca... tudo isso incrustado nos seus quase cem anos de vida!

Então Dona Menina chega à recepção de meu consultório e de lá emite uns sons de respiro, de vida, quase um continuum de hã-hum, hã-hum, sinalizando sua chegada (sempre sem acender a luz, sem chamar, sem dizer... só inteirinha ali...). Eu a vejo e lhe peço para entrar.

Ela entra e bebe água, toda água de um copo cheio... arrasta a cadeira para bem pertinho da minha e, respirando ofegante, diz estar cansada. Pergunto a ela o que está acontecendo e ela me responde:

“A vida é dura, um sobe e desce muito grande. Um cansaço muito grande também. Se vou para um lado, caio no buraco; se vou para outro lado, caio também. Não tem saída, é triste! Se escorrego, deslizo direto para o buraco”.

Ela repete muito isso... e eu escuto muito isso.

E olhando para ela, reparo os olhos inchados e pequenos. Será que são lágrimas? Ela esteve chorando? Ou foi algo no corpo? Algo de vida? Em todo caso, para ela e por hoje, pôde vir me encontrar e passear. E é bom este passeio, Dona Menina? Neste passeio de agora você consegue dizer que pode morrer? (este foi

o primeiro dia, em três anos de análise, que ela disse concretamente, sem figurações, sobre morrer).

Então, depois que disse, ouvi uma sequência grande de palavras e frases completas que não compreendi nada... pareceu-me somente um som rouco tão de-dentro, feito para sentir, sem tentar entender; só murmurado e esmiuçado pelo olhar encantador do-dentro. Fiquei olhando sem entender o olhar...

Daí Dona Menina tem a ideia de tentar caminhar firme, sem cair e sem escorregar. Assim: “Se der para ficar firme eu posso me salvar; se não der, escorrego e vou...”.

Com esta fala, eu retomo a compreensão do som e reconheço a frase. Penso por um instante no que me aconteceu... me desliguei? Ela se distanciou para retomar a esperança da ideia, da firmeza da vida?

E para este último dia, como num derradeiro encontro, mesmo sem perceber que não mais seria ali outra vez, ela pega em minhas mãos, já que sua cadeira esteve sempre bem pertinho da minha, e diz: Nossa, suas mãos estão muito quentes! . E eu nem pude entender isso e ainda sem saber, sigo... Esperançando...

Hoje, para mim e por aqui, ainda neste ano, tudo esteve cheio: o copo de água e uma sessão inteira de um tempo de encanto.

Au revoir, Dona Menina.



Keyla Carolina Perim Vale é psicóloga e psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.



(DES)CONEXÕES E (DES)ENCONTROS EM TEMPOS DE REALIDADE VIRTUAL

Luciano Lírío

Chamou-me a atenção o nome da série:
Espelho Negro.

Diante de um espelho negro não vemos a nossa imagem. A imagem refletida pelo outro, no olhar, em uma expressão facial, em uma palavra, não acontece. Algo que revelaria um instante da relação com o outro, do vínculo: encontro/desencontro; antipatia/empatia; familiar/estranho.

Se não volta nada do outro, o que se passa entre ambos?

Há um sistema de valores que predetermina o instante.

É o que veremos nesses dois episódios sobre os quais escrevo hoje.

Comuns aos dois episódios

Os dois episódios tratam de como a tecnologia ligada à inteligência artificial e a automação repercutem no desenvolvimento do ser humano. Até que ponto o casamento entre máquinas, seres humanos e ciberfísica poderá ser harmonioso?

É inegável que os avanços tecnológicos têm nos permitido muitos ganhos. No campo da saúde, do conforto, das comunicações,

O texto é fruto da participação do psicanalista Luciano Lírío no debate promovido pela Comissão de Comunidade e Cultura da Sociedade de Psicanálise de Brasília no segundo semestre de 2019, quando se conversou sobre a série *Black Mirror*, em especial os episódios “Nosideve” e “Hang de DJ”.



trazendo a esperança de vencer as doenças e o envelhecimento.

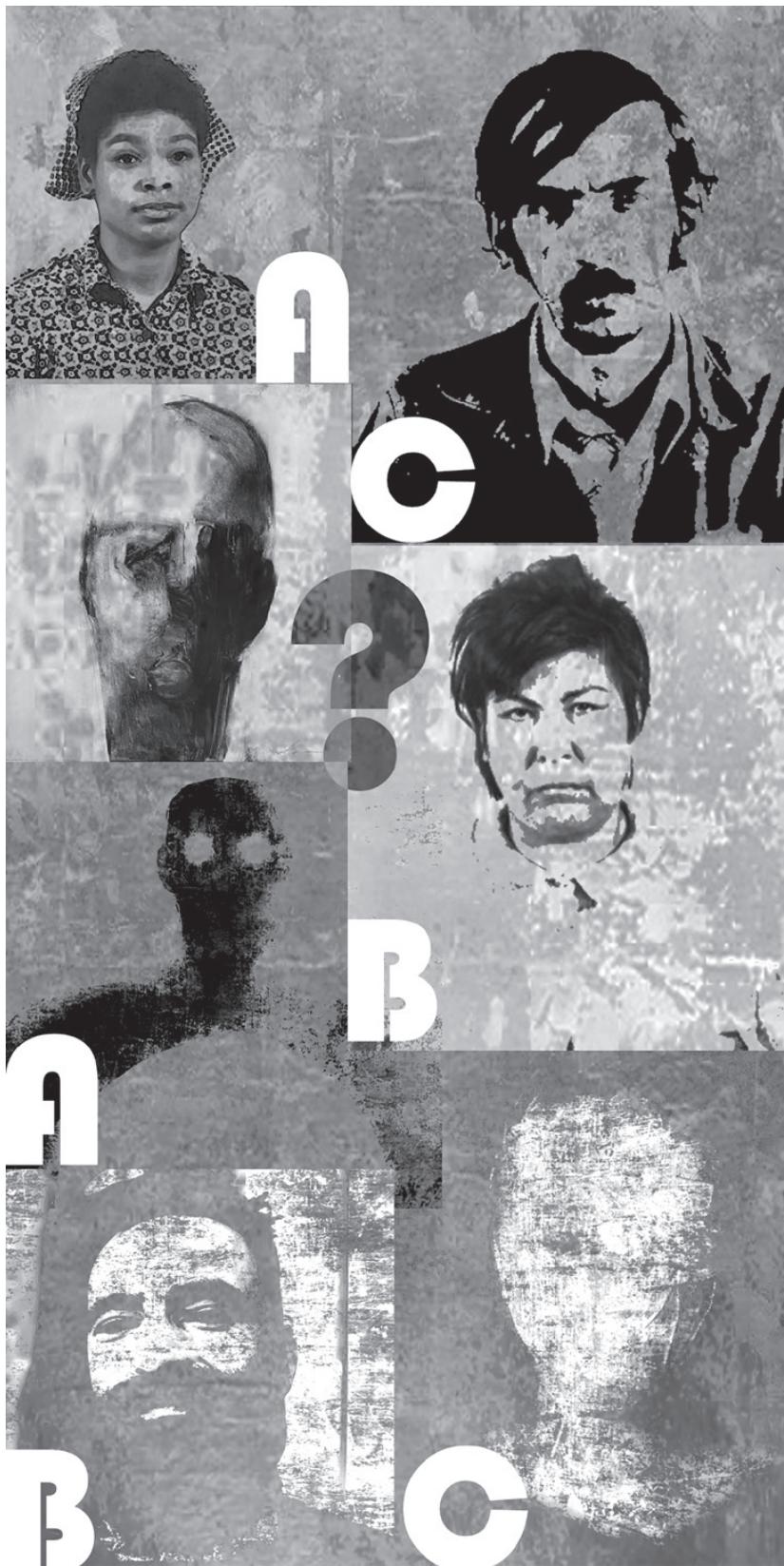
Mas, há um campo de tensão entre o conhecimento científico, que supomos ilimitado, como também suas consequências na vida de todos nós. Quais os limites éticos? As descobertas da ciência devem ficar livres de qualquer restrição moral, religiosa ou filosófica? Como avaliar se elas são destrutivas e se constituem uma ameaça à sobrevivência da espécie humana, ou à subjetividade?

Dependendo do uso, ou seja, do desenvolvimento humano, as descobertas da ciência poderão contribuir para diminuir as desigualdades entre classes sociais, países e continentes ou, pelo contrário, criarão um fosso intransponível entre as pessoas. Teremos pessoas formadas para criar e usufruir da tecnologia, e um imenso contingente de pessoas à margem? Será conforto, saúde e longevidade para uns poucos e uma imensa maioria vivendo das migalhas? Qual será o poder das grandes corporações oprimindo até mesmo os países cujos governantes serão apenas fantoches? Conseguiremos fazer valer uma ética que preserve os valores mais caros e essenciais à dignidade e felicidade do ser humano?

Temos uma relação de fascínio e medo com os avanços da inteligência artificial. O filme *2001 - Uma Odisseia no Espaço* é uma ficção que trata dessa ameaça, o supercomputador com vontade própria se sobrepõe ao humano.

Mas esse tema não é novo: foi trazido por George Orwell em *1984*, publicado em 1932, e por Aldous Huxley no livro *Admirável Mundo Novo* em 1949. Interessante é que essas previsões foram feitas pensando num tempo mais longínquo.

Já nesses episódios, temos conjecturas sobre um tempo não muito distante, cujos sinais já se fazem presente. Atualmente, as perspectivas são de que num prazo de 5 anos os robôs farão as atividades repetitivas, eliminando 54% dos empregos. Quando da revolução industrial já passamos por algo semelhante, mas não com a intensidade que visualizamos



agora que o planeta tem cerca de 8 bilhões de humanos.

Na verdade, o que sabemos é que é impossível barrar esse desenvolvimento, e que não temos como prever as consequências. Temos que conviver com esse desconhecido.

A consciência da mortalidade e o medo da morte são constitutivos do humano. Nós nos preocupamos com as condições do nosso planeta e temos medo da extinção da espécie humana: o aquecimento global, uma guerra atômica, a colisão de um meteoro, invasões alienígenas.

Aqui, estamos pensando a extinção do humano sob outro vértice, a perda do humano em nós. A perda da subjetividade e consequente alienação. Perda da capacidade de desejar, sonhar e ter pensamento próprio.

Mas e o que podemos fazer?

Tudo o que nos trouxe para uma maior sintonia conosco em termos de escuta do desejo, das fantasias, enfim, da singularidade, nos fortalece nesse embate.

Nosedeve

– Episódio 1 da 3ª Temporada

Destaco a prevalência da imagem, do parecer em relação ao ser.

Spoiler/Resumo: A protagonista mora com o irmão, e está ávida por subir de status. Ela quer uma casa alto padrão. Está disposta a fazer tudo para conseguir, mas para isso precisa elevar a sua nota de 4.2 para acima de 4.5. Ela consulta o coach: precisa de ótimas avaliações de pessoas 5.0. Publica a foto de um bonequinho e tem ótima avaliação dessas pessoas. Uma amiga de criança vê o seu post e a convida para o seu casamento onde estariam pessoas acima de 4.6. É sua grande chance de entrar para o seletor grupo de 5.0. Mas a viagem para o casamento lhe traz péssimas surpresas. Chegando ao aeroporto é informada que o seu voo foi cancelado, e por não ter uma nota mais alta, perde seu lugar em um outro voo que lhe permitiria chegar a tempo. Ela protesta diante de uma funcionária indi-

ferente às suas angústias. Mas no sistema vigente, é inaceitável expressar revolta, reclamar direitos. Sua nota é rebaixada mais ainda. Daí em diante, é a derrocada. Resolve fazer o trajeto por terra, e no caminho o carro pifa. Recebe ajuda de pessoas que estão fora do sistema, mas manifesta seu preconceito e até desprezo por elas. No caminho, apesar de tudo, ficava imaginando que sua grande chance seria fazer um belo discurso na cerimônia e causar tão boa impressão que conseguiria recuperar sua boa nota.

Mas chega ao casamento completamente mal vestida e com as marcas das batalhas perdidas. É rejeitada por todos. Na cerimônia, se revolta e diz tudo o que é inconveniente para o momento. A personagem tem a nota rebaixada e termina sendo presa.

Sobre o sistema

Trata-se de um sistema social que valoriza a imagem acima de tudo. A depender da nota, ou seja, da imagem que a pessoa passa para os outros, terá todas as vantagens e privilégios. A pessoa tem que parecer, não importa ser. Tudo muito bonito, polido, asséptico, as pessoas aparentemente super amáveis, mas subjaz uma imensa violência. As pessoas usam seus celulares como arma para jogar o outro no lixo, quando esse outro ousa reclamar, reivindicar direitos desrespeitados. Um simples click é a descarga do sadismo. É um sistema perverso que escolhe quem vive e quem morre, quem pode viajar, ter crédito, ter amigos.

O reconhecimento dos méritos é baseado na idealização de uma imagem que não corresponde à verdade da condição humana. A valorização da aparência e a submissão a uma etiqueta distancia a pessoa dela mesma, trazendo o risco de robotização. No episódio vimos que algo de uma vitalidade emocional foi preservado, e a personagem se libertou do faz de conta deixando de se submeter aos padrões de prestígio. Revoltou-se, chutou o pau da barraca, e causou um imenso constrangimento à corte. Ela queimou o seu filme,

e, somente a título de imaginação, podemos indagar o que resultaria disso. A experiência de frustração poderia ser transformada em crescimento emocional? Teria uma reserva narcísica que lhe permitiria viver sem se sentir infeliz; ou ficaria vazia de si mesma sentindo-se uma perdedora para sempre?

Sobre a constituição do sujeito e a importância do outro na sua constituição.

Por que é tão forte a necessidade de aprovação e de reconhecimento do outro?

Somos constituídos a partir do outro, do olhar do outro, mas também nos constituímos a partir da diferenciação, da desidentificação. Winnicott e Lacan nos dão importante contribuição, e falam de experiências do início da vida. Lacan fala do “Estádio do espelho”: a criança por volta do sexto mês de vida se reconhece na imagem no espelho e pode ver a mãe fora e diferente dela. Essa imagem antecipa para a criança um estado de integração diferente das vivências de fragmentação na relação mente e corpo. Mais tarde Lacan dará menos ênfase à sensorialidade do olhar para valorizar a palavra, os sons emitidos pela mãe que ele vai chamar de tesouro de significantes. O inconsciente é constituído a partir desses significantes. Winnicott vai falar da importância do olhar da mãe como um espelho, cuja imagem retorna para a criança ativando dentro dela percepções, sentimentos, emoções que estão em estado potencial. Green fala da “mãe morta”, deprimida como origem de lacunas profundas no desenvolvimento emocional da criança, que não pode se reconhecer no olhar opaco da mãe.

Penso que podemos entender a viagem da personagem como uma metáfora: a árdua viagem que todos nós temos de empreender para ter um quanto de autonomia em relação ao julgamento do outro, e do meio social, no processo de desidentificação.

Mas essa passagem do narcisismo para a alteridade implica um passo muito especial,

implica em lidar com limites, com as diferenças, suportar angústias, respeitar no outro o direito de existir com as suas diferenças e divergências sem acreditar que ele existe para nos atender.

No caso da protagonista do episódio, uma mudança foi se processando. Ela faz um discurso que é, certamente, bem diferente do que havia planejado. É um desastre do ponto de vista do sistema, mas um desabafo de quem já não suporta ser escrava do julgamento do outro.

Vemos, ao longo da narrativa, que nem todos estavam dominados pelo sistema: a motorista; as pessoas do ônibus. A pressão do sistema de notas era forte, mas não absoluta.

Algumas pessoas conseguiram um bem estar fora do sistema, e conseguiram sobreviver, prevalecendo a subjetividade, a escolha de serem elas mesmas, sem desconhecer as suas emoções.

Tempos atuais – a imagem e o sistema dominante

A ficção se refere a um tempo futuro ou podemos reconhecer sua presença em nossos dias? Qual o passaporte para comunidade dos eleitos? O que hoje se compara a nota acima de 4.5? Os likes das redes sociais? O número de amigos no Facebook? De seguidores dos blogs? A grife, o modelo do carro, do celular? Já existe o sistema que decide quem vai viver ou morrer. É o que nos dizem as taxas de mortalidade em relação a cor da pele e a orientação sexual. A meritocracia é questionada pela desigualdade das oportunidades.

Hang the DJ – Episódio 4 da 2ª Temporada

No primeiro destaquei a prevalência da imagem. Neste, destaco o desejo de não precisar pensar, a entrega alienante a sistemas que esmagam a subjetividade.

Spoiler/Resumo: Os jovens tinham encontrados marcados pelo “Sistema”. Horário,

restaurante, duração do encontro e até a comida. As dúvidas eram respondidas pelo sistema. Ao final o Sistema escolheria o parceiro certo e seriam felizes. Pairava uma ameaça: quem contrariasse o Sistema seria expulso deste suposto paraíso. O modo de vida fora dos muros não aparece. Dois jovens se apaixonam, decidem contrariar o Sistema e fugir pulando o muro. No momento em que estão escalando as luzes se apagam. Depois os dois estão juntos dando a entender que o sistema havia escolhido que eles ficariam juntos.

O sistema estava certo?

O sistema proporciona o conforto sensorial máximo, sem conflitos, sem angústia. As pessoas não precisavam escolher nem o que iriam comer, nem quem iriam amar. O sistema sabe e vai escolher o melhor para cada um. É uma entrega alienante. Além da atração pelo não pensar, temos que considerar a força de sistemas de poder que buscam abolir a capacidade de pensar das pessoas, para se perpetuar, então precisamos resistir. Dupla resistência.

Mas como no outro episódio, isso não é tratado pelo escritor como um destino inexorável. Prevaleceu a capacidade de se escutar e de lutar pelo próprio desejo. Mesmo não sendo fácil desafiar o sistema. Ele não é só eficaz em atender os desejos, ele também exige fidelidade, submissão. A pessoa fica prisioneira, ameaçada de morte se quiser sair.

Podemos também fazer um exercício de pensar em que medida isso acontece no presente. É mais fácil crer do que pensar? E quanto à entrega aos sistemas, sejam eles a moral vigente, as ideologias, a religião, e a tudo que pode se vivido de forma dogmática, sem pensamento crítico? Pensar dá trabalho! Você tem que encontrar a sua medida. Mas é um caminho que se faz, quando se pode viver o luto da continuidade da infância, da idealização dos pais, e da ilusão da existência desse outro que vai para sempre nos completar e proteger.

Recursos psíquicos desenvolvidos desde o início da vida, na medida em que a criança é reconhecida e respeitada em suas emoções e ideias, favorecem a resistência à alienação, à massificação e à submissão aos sistemas.

Enfim

A questão proposta pela mesa e os episódios sugeridos nos remetem à complexidade do tema. Não podemos demonizar o desenvolvimento tecnológico, mas pensar o uso que fazemos dele.

A psicanálise, as ciências sociais, a filosofia, as artes e a literatura precisam formar uma rede suficientemente forte para influenciar o uso do conhecimento em benefício do ser humano como um todo, isto é, preservar a subjetividade e dignidade de cada pessoa, independentemente do sexo, cor, nacionalidade, orientação sexual. Conciliando o desenvolvimento tecnológico e desenvolvimento humano.



Luciano Lirio é psicanalista e psiquiatra, membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília e professor titular do Instituto de Psicanálise Virgínia Bicudo.

PSICANÁLISE É ARTE

Kátia Barbosa Macêdo

A discussão acerca do que é arte ocupa os homens desde a Antigüidade, e as formas de suas manifestações, os pontos de vista acerca do assunto e seu conceito foram se modificando ao longo da história da humanidade.

A necessidade de fazer arte é exclusivamente humana, e a capacidade de criar arte é um dos traços distintivos do homem, que o separa de todas as outras criaturas como um abismo intransponível. A arte satisfaz o desejo premente do homem de compreender a si próprio e ao universo. Ao mesmo tempo, o artista desempenha, por vezes, o importante papel de veículo das próprias convicções e valores, a que ele dá voz, servindo-se para tal de uma tradição contínua.

A arte atua com força impulsionadora dos desejos que manifestam. A arte transita entre as possibilidades de um mundo fantasístico, um tipo específico de satisfação movido pela cultura e pela arte.

Há na arte sempre uma possibilidade de transformação da realidade, uma vez que ela denuncia suas contradições. A arte encerra fruição, gozo, e, ao mesmo tempo, reflexão. A arte propõe uma viagem de rumo imprevisito – da qual não se conhecem as consequências – porém, empreendendo-a, o que conta não é a chegada, é a evasão.

Segundo Coli (2000), “buscamos a arte pelo prazer que ela nos causa” (p. 112). A arte é formulação fantástica, tem uma tendência para a ordem, a harmonia, a beleza, mediante o aperfeiçoamento dos meios expressivos.

Uma obra de arte influi sempre na visão de mundo do homem. A arte resiste à análise mais minuciosa e à passagem do tempo. Isto não quer dizer que todos sejam sensíveis a ela, pois as próprias limitações humanas, em matéria de personalidade, de experiência, de compreensão, impedem, por vezes, de apreciá-la e estudá-la. Janson (2001) A arte

incorpora, simboliza e evoca no receptor certa espécie de emoção arcaica. A arte constrói, com elementos extraídos do mundo sensível, um outro mundo.

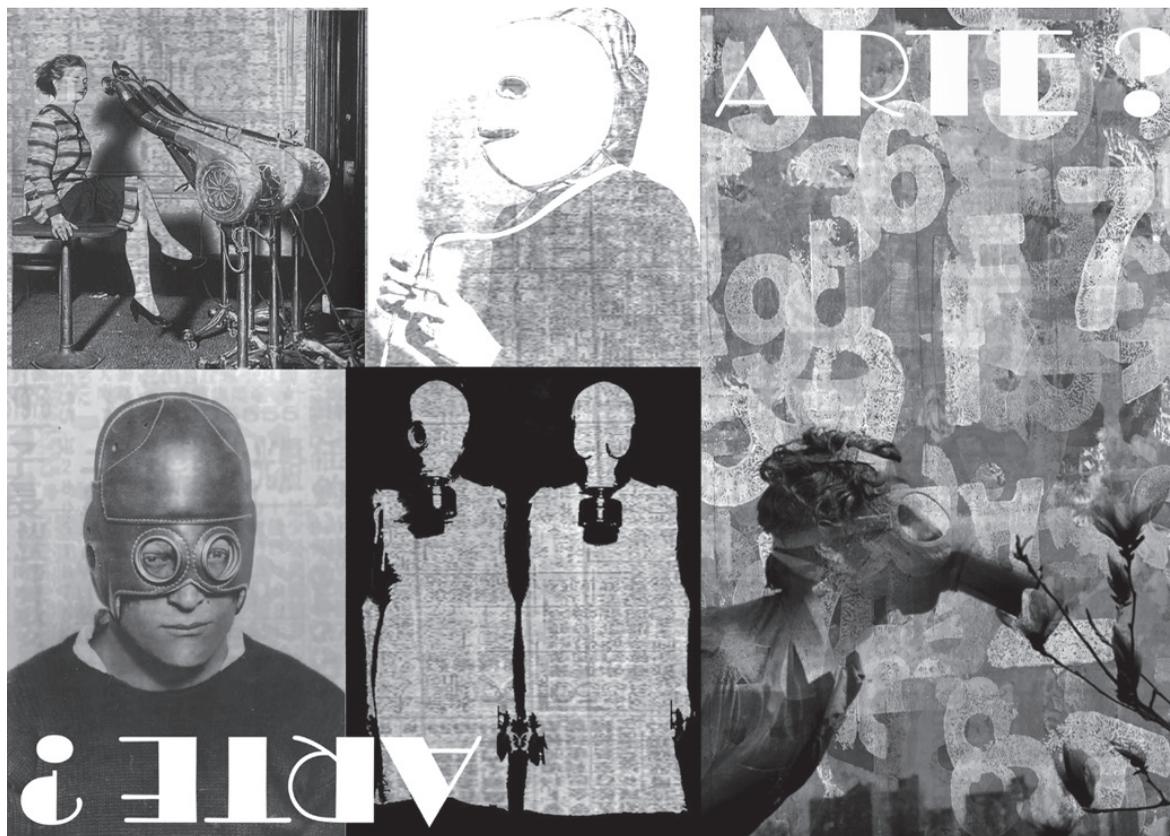
A necessidade do artista é expressar em forma de obra de arte o que sente nas profundezas de seu mundo interno. A percepção interna do sentimento mais profundo é que leva o artista a precisar recriar algo que seja sentido como um mundo completamente novo, e o que todo grande artista faz é criar um mundo. A obra de arte comunica uma tensão que subjaz ao processo criativo. Os desejos dos artistas expressos na obra de arte, são desejos reprimidos, inaceitáveis à consciência, e uma obra de arte pode dar origem a inúmeras emoções. As obras de arte incluem não só a poesia, ou a pintura, mas também em particular a música, mesmo com a ausência de um conteúdo verbalizável, ou seja, apenas instrumental.

O processo criativo

O processo criativo envolve toda a personalidade. A linguagem do artista é sensual, uma linguagem da experiência sentida.

O impulso elementar e a força vital para criar provém de áreas ocultas do ser. Além dos impulsos do inconsciente, entra nos processos criativos tudo o que o artista sabe, pensa e imagina. A criação dá-se com a determinação interna, que supera a hesitação e faz que o artista tome conhecimento de sua experiência por intermédio de sua obra, e até mesmo para ele, essa experiência não será de todo revelada, ressalta Johanson (2004).

Do dualismo do pólo pulsional e representacional da linguagem, do intervalo constitutivo do psiquismo, da cisão radical entre as exigências da pulsão e os instrumentos de simbolização insuficientes para o sujeito,



intervalo este denominado desamparo pelo discurso freudiano, é desse estado abissal e trágico de desamparo que o artista cria. A experiência artística e literária, assim como a psicanálise, possibilita um lugar em que o excesso e a intensidade pulsional, erótica, estruturam a realidade de forma estilizada e singular, organizem e constituam novos caminhos e inscrevam a pulsão no registro da simbolização.

Criatividade é atividade de formar, de dar forma a algo disforme. Artistas mergulham no caos para nele criar a forma. Criar é impor uma ordem a algo que antes da ação criativa se encontrava em estado de caos, de desordem. Criar é formar, dar forma a algo novo. Assim, quando cria, o artista trabalha com formas, e também com o potencial expressivo e significativo dessas formas. O artista busca de modo intencional as configurações formais que transmitam de modo o mais preciso possível os conteúdos, as significações, que tem em mente.

Para Segal (1993), alguns artistas sentem de modo particularmente poderoso que a obra adquire existência quase independente. O trabalho de reparação do artista nunca é concluído e, no fundo, uma obra de arte deve ser original. Se há na arte satisfação de desejo, não se trata de uma simples satisfação onipo-

tente de um desejo, mas de uma satisfação do desejo de elaborar um problema de um modo particular, e não do que se entende por satisfação de desejo. A natureza do conflito psíquico e o modo pelo qual o artista busca resolvê-lo em seu ego inconsciente podem objetivar o artista sobre a forma significativa.

Fantasia e sublimação: dois componentes desse processo, examinados pela psicanálise.

Para Freud, a fonte da criação está nos desejos e nas pulsões. O desejo tem sua origem e seu modelo na vivência de satisfação. O primeiro desejar parece ter sido um investimento alucinatório da recordação da satisfação. O sugar do bebê é acompanhado da fantasia de ter a vivência de prazer novamente.

Somos todos caçadores de comida e de amor.

Há uma vivência fundante de nosso psiquismo, uma vivência de ser amparado, cuidado, ser o centro do universo. Essa vivência de prazer, de viver no paraíso, é interrompida pelos traumas, as rupturas. O trauma do nascimento, da separação, do desmame. A partir deles, nós passamos a ter uma outra vivência que passa a nos acompanhar até o último suspiro: a angústia, que tem como base a busca por satisfazer desejos em busca de satisfação.

Para a Psicanálise, desejos não satisfeitos podem gerar algum tipo de angústia, o resultado dessa angústia faz com que todo o aparelho psíquico da pessoa se mobilize para buscar uma via alternativa de satisfação.

Diante da angústia, Freud (1930) afirmou que o indivíduo utiliza algumas estratégias, ressaltando principalmente: isolamento voluntário; submissão às normas; uso de substâncias tóxicas; tentativa de controlar a vida instintiva como defesas e sintomas; delírio ou cultivo da ilusão no fanatismo religioso (tornar-se louco), amar e ser amado e a sublimação via trabalho.

Dentre as estratégias apresentadas acima, duas serão abordadas, tendo em vista sua relação com o processo criativo: a fantasia e a sublimação, via trabalho e arte.

Fantasia tem sido definida de várias formas.

1- Criação imaginária a serviço de uma realização de desejo. Está a serviço de um desejo, procurando via imaginação satisfações eróticas, agressivas, de amor próprio, havendo uma dimensão narcísica no processo. Fantasia inconsciente é a representante psíquica da pulsão.

2- Designa a imaginação, mundo imaginário e seus conteúdos, a atividade criadora que o anima, a atividade imaginativa em geral. Parcela da atividade psíquica que se mantém independente do princípio da reali-

dade, e submetida inicialmente ao princípio do prazer.

3- São inatas, pulsionalmente derivadas e primariamente inconscientes. A fantasia é uma produção puramente ilusória, que não resistiria a uma apreensão correta do real.

4- Também considerada como uma organização defensiva estável destinada à proteger da castração, que parte da percepção da falta da mãe. Para Klein, também dos mecanismos de defesa contra essas demandas pulsionais.

Todos esses conceitos evocam a oposição entre a imaginação e a realidade. Freud comentou que a realidade psíquica é uma forma de existência especial que pode ser confundida com a realidade material.

De todos os mecanismos utilizados pelos artistas para a criação de uma obra, o que Freud sublinhou como o mais importante é a sublimação, pelo fato de ser ele o que permite, ainda que indiretamente, uma satisfação da pulsão, o prazer.

A noção de sublimação conheceu uma evolução ao longo da obra de Freud que partiu da ideia de enobrecimento, um trabalho intrapulsional que exige uma transformação prévia da energia psíquica visando a satisfação dos desejos. Ao longo de toda a sua obra, Freud recorreu à noção de sublimação para explicar certos tipos de atividades advindas de um desejo que não poderia ser manifesto expli-

Tabela 1- Obras de Freud onde ele abordou o processo de criação artística e sublimação

Obra e ano	Aspecto abordado
A interpretação dos Sonhos (1900)	Abordou Édipo Rei de Sófocles e Hamlet de Shakespeare
Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)	Apresentou sua primeira definição da sublimação, como um princípio de elevação estética comum a todos os homens
Delírios e sonhos na Gradiva, de W. Jensen (1907)	A obra literária, como o devaneio, é uma continuação ou um substituto, do que foi o brincar infantil
Escritores Criativos e Devaneio (1908)	Ele se baseia no conceito de prazer-desprazer e do princípio da realidade para explicar essa ideia sobre os escritores criativos
Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910)	A criação do artista proporciona, uma válvula de escape para seu desejo sexual conceito de sublimação
Totem e Tabu (1913)	Repressão de impulsos sexuais e sua sublimação, são fundamentais para a constituição da civilização
O Estranho (1919)	Estranheza com tudo que é mais íntimo e familiar em nós
Além do princípio do prazer (1920)	A sublimação também é de pulsão de morte
Psicologia de grupos e análise do Ego (1921)	Tese da renúncia pulsional é retomada
O mal estar na civilização (1930)	A civilização exige renúncia pulsional, daí o mal estar

Fonte: desenvolvido pela autora.

citamente pela possibilidade de a pessoa ser censurada (e talvez excluída).

Freud chegou a considerar a sublimação como o mecanismo mais elevado para se obter satisfação, ainda que de forma indireta. Ressaltou ainda sua importância para a constituição e manutenção da civilização. Assim, a sublimação apresenta-se como um destino pulsional privilegiado porque a energia psíquica, ao derivar-se, permite uma gratificação ou prazer, ainda que indireto em uma ação ou objetos que sejam valorizados culturalmente pela sociedade. A gênese da capacidade de sublimar depende simultaneamente das disposições constitucionais do indivíduo e dos acontecimentos da sua infância.

Freud teve aproximações literárias com obras de importantes escritores, como o Édipo Rei de Sófocles e Hamlet, de Shakespeare, ambos abordados em A arte e a literatura encontram-se nos pilares da construção psicanalítica, desde as primeiras formulações freudianas do Inconsciente e do complexo de Édipo, inspiradas em Sófocles e nas tragédias de Shakespeare. (Tabela 1)

É importante comentar que Freud sublinhou sempre os riscos que comporta a sublimação das pulsões quando se efetua à custa das pulsões, pois o sujeito fica privado de satisfações imediatas. Embora a sublimação se apresente como um mecanismo que fortalece o vínculo social e promove a construção da cultura e da sociedade, ela também pode desequilibrar psicologicamente a pessoa, quando passa a impor modelos ideais e cada vez mais exigentes da energia psíquica das pessoas.

Conclusões

Esse encontro da arte com o sujeito provoca sensações, sentidos, motivos, prazer e sofrimentos. Como destaca Segal (1993), a criatividade artística envolve muita dor, e a necessidade de criar é compulsiva, ela não pode ser abandonada com facilidade. No próprio trabalho criativo, por maior que seja a alegria de criar, há sempre também um elemento importante de dor, sendo necessária grande quantidade de trabalho consciente associado a um alto grau de autocrítica, frequentemente muito dolorosa.

Para Segal (1993) e Johanson (2004), a vida artística é acompanhada de rótulos negativos, preconceitos e estigmas sociais da sociedade

em relação aos artistas. Esses autores também afirmam que a imagem do artista construída socialmente afeta de modo negativo a formação de uma identidade profissional, portanto ele experimenta, dentre outros, sentimentos negativos.

Desse dualismo do pólo pulsional e representacional da linguagem, desse intervalo constitutivo do psiquismo, dessa cisão radical entre as exigências da pulsão e os instrumentos de simbolização insuficientes para o sujeito, intervalo este denominado desamparo pelo discurso freudiano, é desse estado abissal e trágico de desamparo que o artista e o psicanalista criam. A experiência artística, assim como a psicanálise, possibilita um lugar em que o excesso e a intensidade pulsional, erótica, estruturam a realidade de forma estilizada e singular, organizam e constituem novos caminhos e inscrevem a pulsão no registro da simbolização.

O trabalho do psicanalista, partindo dos princípios acima expostos é também um trabalho artístico. Ele mergulha no caos, busca organizar, nomear.

Seleciona fatos, faz construções, interpreta e dá sentido.

Assim, o título mais adequado seria não só Psicanálise e arte, mas sim Psicanálise é arte..



Kátia Barbosa Macêdo é psicóloga e psicanalista, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia e professora titular da PUC Goiás.

OLHANDO ALGUNS INGREDIENTES NO CALDEIRÃO DA BRUXA METAPSICOLOGIA

Yesmin Sarkis

Permitam uma brevíssima retrospectiva a título de discriminar os *ingredientes* da poção no caldeirão da “Bruxa metapsicologia” a darem referência às ideias que se seguirão.

De neurologista a psicanalista

Freud em seus escritos pré-psicanalíticos, mas principalmente no trabalho *Projeto para uma Psicologia Científica*, apresentou a hipótese da existência de uma soma de excitação, ou carga elétrica com característica quantitativa, deslocável e descarregável. Uma carga de afeto sobre os traços mnêmicos. A hipótese se fulcrou em dois achados científicos, a saber: a então recente descoberta histológica das ligações entre as células neurônios através das *sinapses* (Cajal, 1889) e a segunda às três *Leis do Movimento* de Newton (1687) sobre a inércia, a aceleração, a ação e reação (Freud, 1895).

Não satisfeito, deixou de lado o *Projeto*, mas não as ideias. Continuou o caminho obscuro em busca da compreensão do adoecer psíquico e o estudo da mente sadia considerando a dimensão inconsciente sob a perspectiva que o tornou alguém à margem, correndo por fora do meio acadêmico.

Disse Freud que o inconsciente já era conhecido pelos poetas e filósofos, mas coube a ele próprio descobrir um *método científico* de estudá-lo. E o fez na dimensão psíquica, a

qual a metodologia científica instituída não comportava. Considero essa criação o coeficiente da genialidade de Freud. Na prática ele tornou o estudo sobre o inconsciente, que antes era um estudo hermenêutico, num estudo do inconsciente à luz da pesquisa funcional. Passou da explicação filosófica à compreensão sistêmica. Passou do *por que?* ao *para que?* usando a observação e a escuta como técnica.

Tomo aqui as dimensões psíquica, física e biológica e, compreendo, gerei uma dificuldade pela quantidade do conteúdo. Espero que esse efeito colateral sirva ao menos como fomento à curiosidade, ao invés de dificuldade. Sigamos, então.

“O indivíduo perece por seus conflitos internos, a espécie em sua luta com o mundo externo ao qual não está mais adaptada – isso merece ser incluído no Moisés...” (Freud, 1938)

Freud correlacionou a filogenia e a ontogenia biológicas propostas por Lamarck à filogenia e ontogenia anímicas e a teoria das pulsões modelou a intersecção entre elas em complexa ligação.

Importa dizer que Lamarck em 1809 concluiu, a partir de seus experimentos com linhagens sucessivas de vermes, haver semelhanças fundamentais entre o desenvolvimento do organismo e a mudança evolutiva das espécies no sentido progressivo e ativo

de movimentação intencional para viver. Considerou duas forças atuantes. Uma força complexificadora, organizadora da vida, sendo a morte a perda dessa força; a outra, força adaptativa responsável pela automoderação e sua perda acarretaria a doença.¹

Esclareço não se tratar de simples biologização da psicanálise, mas ao contrário reivindica o encontro com os elementos, estruturas e funções psíquicas formadores da poção no caldeirão da Bruxa. A metapsicologia não se confunde com as importantes teorias que suscita e inclui no caldeirão. Ela é o elemento da incerteza, indomável, improvável. *A alma que alimenta o método e sem ela corremos o risco de usar a interpretação com aquela sem a qual não se dá um passo à frente*, como se referiu Freud (1937). A bruxa que faz frente à palavra como objeto investido libidinalmente. À palavra fetiche substituta do dispor-se ao desconhecido conhecendo-o, ao menos o que dele for possível vislumbrar. A dura tarefa com a qual o psicanalista se propõe, contudo necessária para reavivar constantemente a função analítica, instrumento de ofício.

“... se queremos literatura psicanalítica, ou elaboração teórica, se pensarmos bem, as duas guardam algumas semelhanças e às vezes nos enganamos quando usamos uma em detrimento da outra.” (Bion)²

Observar e escutar metodologicamente não significa que fazemos a ciência como comprovação formal da verdade, da concretezude indiscutível dos achados clínicos. Mas, a meu ver, significa a compreensão de que os modelos teóricos são apenas maneiras de aproximar de algo a discernir e interpretá-lo através de indícios e evidências.

Continuemos com o ingrediente biologia.

“Não se pode discutir que a libido tem fonte somática.” (Freud, 1938)

A pulsão é a intersecção entre o psíquico e o somático. Suas demandas manifestas em afeto e representação ocorrem desde o momento em que é possível identificar o início da vida. Primeiro a existência uno como espermatozoide e como óvulo e depois dualmente na fusão dos gametas que se tornam uno em zigoto. Freud usou o mito dos androides narrado no livro *O Banquete*, de Platão, como modelo psíquico da catástrofe primária, quando os organismos primevos tiveram que se transformar e se especializar para sobreviver. Foi necessário criar um oceano interno mínimo particular preservando a ambientação primeva num oceano reproduzido no corpo materno durante o desenvolvimento embrionário. Ferenczi desenvolveu essa linha de pensamento no trabalho intitulado *Thalassa, Ensaio sobre a teoria da genitalidade*, com muita propriedade se comparado aos conhecimentos atuais. Veja em Niel Shaubin.³

Com o passar do tempo a teoria de Lamarck se confirmou pelas descobertas epigenéticas e nos é possível rever em Freud e Ferenczi a hipótese. As transformações promovidas pelos reguladores epigênicos não eram conhecidos, mas foram por eles observados e utilizaram desse conhecimento, cada qual com seu vértice e conclusão.

A física como mais um ingrediente

A Bruxa metapsicologia não era a única do início do século XX. Havia outra com caldeirão fervente, a física moderna. Em 1900 o físico Max Plank publicou o trabalho que mais tarde seria conhecido como *A Lei de Planck da radiação* e foi a base para Einstein desenvolver seus estudos e cunhasse o termo *partículas quânticas*, tendo o *quanta* como unidade básica.

1 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232007000100006

2 <https://www.youtube.com/watch?v=R7OxV5FlgSo>

3 <https://www.youtube.com/watch?v=K-BUOgCro>

Décadas depois Bion fez referência ao princípio da incerteza postulado em 1927 por Heisenberg, ganhador do Prêmio Nobel em 1932 pela criação da mecânica quântica. Para auxiliar na compreensão do interesse de Bion sobre o tema, tentarei uma resumida explanação. Heisenberg demonstrou a impossibilidade de definir em que lugar se encontra um determinado elétron, pois ao definir a sua posição não é possível encontrar o seu momento e vice-versa. Difere substancialmente da característica do modelo atômico de Bohr, em que o elétron orbita o núcleo como um planeta orbita o sol. No modelo orbital de Heisenberg o elétron não estará se movendo como órbita planetária, mas num espaço como nuvem dentro do orbital. Em consequência disso a sua posição será sempre de valor probabilístico. O revolucionário nesse conceito é que *a incerteza da localização do elétron é a fonte de determinação da sua posição*. Em psicanálise a incerteza é fato fundamental e essa característica fez criar as técnicas utilizadas. Uma delas diz respeito às invariâncias mencionadas por Bion (1965). Num exercício analógico penso que as invariâncias estão para a escuta no setting, assim como o elétron está no orbital de Heisenberg.⁴

Apimentando a conversa...

“O espaço parece ser a projeção da extensão do aparelho psíquico. O misticismo é a auto percepção obscura do que existe fora do Eu, do Id.” (Freud, 1938)

O experimento mental conhecido como *O Gato de Schrödinger* me proporcionou pensar sobre o funcionamento psíquico como ponto da intersecção pulsional e farei uma troca gentil de ingredientes entre as duas bruxas que no fundo sabem sobre a unidade matricial entre os ingredientes dos dois caldeirões.

Schrödinger criou o experimento mental para propor uma discussão nos primórdios da formulação da mecânica quântica. Penso que ele foi muito feliz na forma de ilustrar a

alma da bruxa. Referencio um link no qual um físico explica o experimento para leigos com muita propriedade.

Aos que não querem se reportar ao link, tentarei fazer uma pequena explicação.

O experimento de Schrödinger consiste em imaginar um gato dentro de uma caixa fechada e totalmente isolada. Dentro da caixa há:

- um medidor de radiação mínima de material radiativo;
- um átomo que tenha apenas uma qualidade física importante, nesse caso a energia com dois valores A e B, para amostra de material radioativo pequena o suficiente para tornar mínima a possibilidade de seu decaimento;
- um alarme;
- um gato.

Caso a partícula radioativa decaia, o gato morrerá. Se a partícula não decair, o gato permanecerá vivo. Contudo os átomos da partícula radioativa estão num estado de superposição. A vida do gato depende dessa superposição. Então existem as probabilidades de que o gato da caixa esteja ou vivo, ou morto, e a terceira possibilidade em que o gato existe e não está nem vivo e nem morto, ou seja, está em superposição.

Uma das conclusões do experimento é que a superposição do gato parece indicar que *a realidade só decide o que está acontecendo quando ela é observada*.

A superposição na física é a pimenta de sua poção. O ingrediente pulsão pode ser a pimenta do caldeirão psicanalítico, um dos elementos mais estranhos, mais míticos da psicanálise e paradoxalmente um dos mais coerentes.

Considerações finais

As ciências físicas, ou naturais e a ciência do inconsciente, ou psicanálise, não são distantes, mas autocomplementares sob o olhar sistêmico. Os tipos de linguagem numérica na física e a alfabética na psicanálise não são segmentações entre elas e sim

⁴ (https://www.youtube.com/watch?v=pKEq8d_lpn4)

instrumentos de pensar e traduzir ao mundo externo a pesquisa em sua expressão, ou notação. A psicanálise descortinou a forma como o ambiente interno e externo é representável e como forma uma herança psíquica.

Considero importante repensar estes aspectos, pois o momento de mudanças estruturais filogenéticas e ontogenéticas na interação biológica já aconteceram. Estamos em luta adaptativa num ambiente se alterando rapidamente pelo clima, pela química devido aos vários tipos de contaminantes e pela biologia manipulada ultrapassando a mutação natural. Somos *estado de informação codificada*. Encadeados geneticamente em variações gênicas compostas por GCAT (e que na escola associamos aos cantores Gal Costa e Agnaldo Timóteo para não esquecer as letras...). A psicanálise não deve desconsiderar que convivemos com duas pessoas geneticamente modificadas há pelo menos um ano e, neste novembro, nasceu mais uma. Ao menos esse é o número de pessoas modificadas que nos dão a conhecer. Precisamos pensar que os três bebês mutantes poderão um dia se deitar em um dos nossos divãs e não temos ideia sobre o que trarão de novidades no funcionamento psíquico. O método CRISPR tornou fácil e barato o manejo genético. Nossos filhos e netos provavelmente viverão num mundo muito diferente e com alguns mutantes, ao menos com três já temos certeza.

No futuro precisaremos, sim, ser diferentes em vários aspectos para conseguirmos sobreviver aos próprios estragos e também às possibilidades inimagináveis que a tecnologia trará.

Quem de nós está preparado para a entrada da computação quântica na vida cotidiana? Antes, quem de nós sabe ao menos o que é a computação quântica? O fato é que ela já existe em funcionamento. Em pouco tempo estará no mercado tornando obsoletos todos os aparelhos de comunicação atuais e funcionarão com o sistema previsto no experimento de Schrödinger (a incerteza e sobreposição acima), ou seja, alinhado ao modo como

funciona a mente humana. Uma aproximação cognitiva.

Em *Análise terminável e interminável* (1937), Freud se questiona se valeria a pena lutarmos pela civilização como a conhecemos e hoje respondo que não, já que não faz sentido lutar por algo que já está em curva descendente como uma parábola matemática, em franca extinção do *Homo Sapiens sapiens* e desenvolvendo outro(s) tipo(s) humanoide(s), quem sabe um *Homo Universum*⁵⁵, mas considero a psicanálise um instrumento adequado à nova demanda existencial. A ciência da incerteza e da significação das experiências externas e internas demandadas pelas pulsões.

O que um dia foi ficção já não é mais e a velocidade das transformações que consideramos muito aceleradas já não serão assim consideradas. E alguns até sentirão saudades do sistema de linguagem digital binário, como ainda hoje alguns são saudosos do sistema analógico alfabético.

Agradeço a atenção dos que tiveram paciência e conseguiram chegar ao final desse artigo e me coloco à disposição para pensar junto sobre o tema.

5 <https://humanfactor.bandcamp.com/album/homo-universum>



Yesmin Sarkis é psicanalista, psicóloga, membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília. É também escritora.

ALICE, a menina que cresceu viajando COM LIVROS

Nize Nascimento

“Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora.”

Provérbio hindu

Alice lembra de um momento em sua infância quando tinha pouco mais de quatro anos: entre os brinquedos e as viagens que eles lhe possibilitavam fazer, viu, em um dado momento, que passava, na televisão, uma propaganda de incentivo à leitura – hoje, ela pode chamá-la assim. Era um desenho animado em que aparecia uma menina deitada no chão, com os cotovelos apoiados e as perninhas para cima, enquanto lia um livro. Mostrava-se, com seus olhos brilhantes cor de mel, absorvida e encantada na história que lia, em um jardim repleto de flores coloridas. De repente, o livro fala com ela e diz-lhe que, juntos, poderiam não somente conhecer diversos lugares, mas também pessoas com os mais variados tons de pele e maneiras diferentes de falar. Ele, então, a convida e diz: “*suba*”. Ela, prontamente, sobe nele, e a aventura começa: os dois juntos passam por vários lugares, e ela, admirada e sorridente, vai conhecendo o que ele ia lhe mostrando e relatando. Com seu olhar observador e curioso, Alice acompanha, animadamente, a fascinante viagem que o livro do desenho animado lhe proporciona pelos diversos países. Até que, em determinado momento, escuta algo que seu amigo livro diz, que muito a impressiona: “*Para viajar longe, não há navio melhor do que o livro.*” O desenho, com suas imagens, histórias e viagens, permaneceria nela, sem que ela tivesse a menor ideia da forte influência que teria em sua história.

Tempos depois, quando ela começou a ler e a explorar os livros de sua tia Elza, uma

professora que, com delicadeza e habilidade, estimulava sua curiosidade, pôde fazer outras tantas viagens na companhia de seus livros e os de sua tia. Um dia, Alice conta a ela sobre viajar com os livros, e sua tia, logo depois, repete a frase mágica que havia sido dita pelo livro do desenho animado que tanto a havia impactado – finalmente conseguiu saber quem a havia dito: Emily Dickinson, a poetisa americana! As viagens aos muitos “outros países” foram-se intensificando. Com Peter Pan, na *Terra do Nunca*, viveu incríveis aventuras em uma ilha povoada por piratas, fadas e sereias, seres estes que a encantavam e a enchiam de coragem para, por um lado, enfrentar os perigos e os desafios criados pelo escritor escocês James Matthew Barrie, e, por outro, os seus, nessa cativante aventura de crescer, de tornar-se e de ser. Visitou o *Sítio do Picapau Amarelo* e fez uso do pó mágico de pirlimpimpim, para desaparecer e ser transportada, acompanhada por personagens intrigantes, a lugares que desafiavam os limites da imaginação – graças ao querido Monteiro Lobato, a lua era apenas um começo. Alice também ficou encantada no País das Maravilhas! Inspirada pelo exemplo de sua heroína homônima, tomou a oportunidade que lhe foi apresentada e bebeu a poção mágica; o que fora encolhido, porém, era o mundo real que cercava Alice, à medida que a jovem leitora mergulhava no universo criado pelo matemático e escritor britânico Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido como Lewis Carroll.

Com sua avó paterna, de mesmo nome, Alice foi crescendo em sua jornada. Os encontros intergeracionais tomavam a forma do seguinte ritual dominical: a avó Alice, exímia contadora de histórias, colocava sua neta Alice em cima da grande mesa da casa, ponto de encontro da família em dias festivos, como o Natal – mesa que, para Alice, era enooorme de grande. Ali, sentada na frente da avó, Alice

transitava por uma ampla gama de emoções: os risos intensos arrefeciam, por vezes, à medida que o suspense de determinados momentos despertava apreensões e curiosidades para o que viria. Seu olhar atento prescrutava, com precisão, os detalhes dos gestos de sua avó, e seus ouvidos discerniam as mais ligeiras variações na voz da contadora de histórias. O repertório literário da avó Alice parecia, aos olhos da menina, infinitamente extenso, um reservatório ilimitado de possibilidades que se descortinavam diante da menina maravilhada. “Vovó, como você guarda tantos livros na cabeça?” A resposta veio acompanhada de um sorriso cativante: “os livros que gostamos passam a fazer parte de nós e ficam em nossa biblioteca mágica, que é nossa mente. Também podemos criar nossos livros. É só soltar as asas da imaginação.” – outra frase que ecoa, até hoje, em Alice. A avó tinha um jeito especial de contar suas histórias e sempre incluía a neta em seu processo criativo. Ao descrever uma cena, perguntava à entusiasmada aprendiz, por exemplo, a cor do vestido da princesa, de seus olhos, etc. E, assim, a avó ia introduzindo Alice a outra forma de ler: a modalidade narrativa da leitura oral. Posteriormente, ao fazer uma de suas viagens ao “país de sua interioridade”, Alice descobriu que os momentos de companhia e de empatia com a tia e a avó tinham acendido sua paixão pelos detalhes, pelas diferenças, pelos suspenses.

A experiência da troca na construção de histórias norteou a vida profissional e adulta de Alice. Como jovem professora no jardim de infância, estimulava a criação de narrativas iniciadas pelo clássico “era uma vez” e construídas pela vívida imaginação infantil, a fim de ampliar o acervo mágico das bibliotecas internas de seus alunos; os rumos das viagens de Alice, porém, extrapolaram os limites da sala de aula, levando-a a explorar o país de seu inconsciente na *sala de análise*. Na medida em que as viagens pelos livros se foram tornando, também, viagens pelo mundo, a interação de Alice com seus analistas foi adquirindo matizes transculturais, que lhe têm permitindo enriquecer suas vivências emocionais nas descobertas, revisões e reconstruções de suas histórias internas. Vem desenhando, assim, um sinuoso e fértil caminho de expansão de seus horizontes, não somente como pessoa, mas também como uma analista sempre em formação. Com seus pacientes, Alice tem transitado por singulares

geografias internas e externas, descobrindo possibilidades de (res)significações de histórias vividas. Nessa jornada transcultural, os desafios revelaram-se, ao mesmo tempo, complexos e estimulantes nas vicissitudes de ser e de fazer-se com o outro. E, assim, cada um, com suas possibilidades, vai abrindo-se à criatividade na arte de ser e de viver na *torre de Babel* de seu inconsciente inserido na *Babel* da cultura.

Ao longo das viagens de Alice, muitos amigos livros têm estado presentes e outros vão chegando a cada novo encontro. Para ela, é um prazer tê-los, lê-los, relê-los e vê-los chegar. As palavras de Borges ressoam com força singular: “creio que uma forma de felicidade é a leitura”. Alice diria a seus queridos amigos livros, presentes em tantos momentos de seu caminhar: “obrigada pelas leituras que me nutriram, que me nutrem e que continuarão a me nutrir.” E a Freud, o que diria? “Há tanto de você em mim! Gostaria de dizer ao incansável pesquisador e amante dos livros o quanto sou reconhecida pelo tanto que me impele e me inspira. Você, juntamente com meus analistas, ajudou-me, e ainda me ajuda, a fazer a viagem mais incrível de todas: ao país de minha interioridade. Obrigada por inspirar-me com seu compromisso à verdade, com sua abertura aos diferentes campos do saber e da expressão da criatividade humana, como literatura, arte, filosofia, história, mitologia, relatos de viagens, etc.” Gratidão é o que expressaria Alice pela vida realisticamente mais rica e expandida que vive.



Nize Nascimento é membro associado da SPBSb e da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU)

